

Unidade II

CULTURA, CULTURAS – CIÊNCIA, RELAÇÕES HUMANAS, SÍMBOLOS E COMUNICAÇÃO

5 AS RELAÇÕES HUMANAS DEPENDEM DE VALORES E REGRAS

Objetivos

Todos nós enfrentamos diariamente situações em que existe a necessidade de conhecermos e nos conformarmos com as regras. Outras vezes, somos responsáveis por criá-las ou, até mesmo, por zelar pela conduta de todos. Compreender como e por que a sociedade cria regras, ou qual sua importância em nossas relações sociais, cria habilidades de relacionamento com o grupo, promovendo integração e bem-estar.

Evitar conflitos ou solucionar as situações conflituosas exige um amadurecimento que pode ser obtido com as reflexões propostas nesse item.

Introdução

As relações sociais em qualquer cultura são mediadas por valores, normas e regras. Assim, quando nos relacionamos uns com os outros, precisamos recorrer a formas de conduta que orientem nosso comportamento e que nos tornem menos individualistas e mais coletivistas.

Se cada um de nós obedecesse apenas aos impulsos pessoais o tempo todo, ou aos instintos de nossa espécie, fazendo apenas aquilo que "der na telha", não seria possível existir sociedade, pois cada um gostaria de fazer prevalecer sua própria vontade e não a dos outros.

Esse é o papel das regras sociais, que aprendemos repetitivamente durante a vida, até que se tornem hábitos. O que torna possível essa educação para agir de acordo com as regras de uma sociedade é a socialização. Aprendemos regras do mundo doméstico, da escola, do convívio com amigos, do trabalho, da religião etc. Em cada universo social existem os valores que são mantidos pelo grupo e fazem parte das condutas pessoais.

As regras não existem apenas no tratamento com os outros, elas fazem parte também de todo o universo cultural de forma a organizar a vida. Para dar exemplos – como preparar alimentos, servir e comê-los, como tomar banho e manter a higiene pessoal, como arrumar uma casa, como se vestir para cada ocasião social, como se comportar no trabalho, tudo em nossa cultura possui uma regra ou uma forma de normalizar o comportamento, que é transformada em hábito.

Por isso, de uma cultura para outra tudo isso se modifica, e quando mudamos de uma cultura para outra precisamos nos adaptar às novas soluções para a vida pessoal e coletiva.

Principais conceitos

Regras, valores, normas, hábitos, socialização.

Valores e regras – desenvolvimento

O que nos torna humanos não é apenas a inteligência, mas o conjunto de nossas capacidades biológicas somado às nossas tendências de comportamento social. Para participar de um grupo precisamos abrir mão da maior parte dos impulsos individualistas e do que a nossa natureza, por meio de seus instintos, nos ordena.

Para isso, é necessário entrar em uma lógica que pressupõe uma forma de controle do grupo sobre os indivíduos. Esse controle se dá por meio da aplicação das **normas** e dos **valores** sociais.

Normas e valores são orientações para a conduta social e prevalecem em um grupo social. Os valores são responsáveis por noções coletivas que possibilitam aos indivíduos considerar/julgar as atitudes dos outros como "boas" ou "ruins", "certas" ou "erradas", "justas" ou "injustas", comportamentos desejáveis e indesejáveis.

Já as normas nos ajudam a diferenciar entre condutas "próprias" ou "impróprias". As regras são conjuntos de normas que regulam o nosso comportamento. Para todas as ocasiões sociais, aprendemos a segui-las e, sem perceber, exigimos dos outros que também o façam.



Lembrete

Valores são modelos de referência para a nossa moral, enquanto as normas garantem que nosso comportamento seja adequado ao do grupo.

Não existe necessidade de que todos os indivíduos concordem e obedeçam a totalidade do conjunto de valores e normas de seu grupo social. Muitas vezes, discordamos de alguns valores que orientam a conduta das pessoas e procuramos seguir um senso próprio.

Mas, na maior parte do tempo percebemos que certos valores prevalecem em nossa sociedade, e que não é possível individualmente mudá-los. É importante lembrar também que a sociedade é dinâmica, e que, ao longo do tempo, os valores e as normas tendem a mudar de acordo com a vontade coletiva.

Até a década de 1960 era considerada imoral a atitude de um casal de namorados se beijar na boca em público. Atualmente, essa norma está bastante flexibilizada. Ainda nesse assunto, é sabido que a virgindade feminina era um valor social. As mulheres tinham que se casar virgens obrigatoriamente. A virgindade deixou de ser um valor.

Mas o que exatamente é uma regra?

Vamos começar com o auxílio do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Regra s.f. **1** aquilo que regula, dirige, rege; princípio, norma, preceito **2** norma, fórmula que indica o modo apropriado de falar, pensar, agir em determinados casos (*r. de gramática, de um jogo*) **3** aquilo que foi determinado, ou se tem como obrigatório pela força da lei, dos costumes etc.; lei, princípio, norma (*r. de conduta, de boa educação*); (...) (HOUAISS, 2009).

O que é possível perceber nessa definição de nosso dicionário sobre a regra?

Para nosso estudo, é importante ressaltar que há duas dimensões das regras. Uma de caráter formal, que está relacionada com normas e leis. É o conjunto de regras como as leis de um povo, ou as regras de um tipo de jogo.

Há também as regras mais informais, que não estão registradas de forma escrita e que não precisam ser "estudadas" ou conhecidas pela escrita. São as regras que permeiam nossa vida cotidiana, que regulam nossa conduta.



Lembrete

Existem diferentes "universos" de regras. As regras de jogos, que são necessárias conhecer apenas para poder jogar ou torcer, e as regras do cotidiano social, que precisamos aprender para poder viver em coletividade.

Será que podemos equivar hábitos a regras? Vamos pensar nisso! Hábitos são formas repetitivas e regulares de fazer certas coisas. Quando a maioria dos indivíduos de uma sociedade possui os mesmos hábitos, eles passam a ser compreendidos como regras.

Pois bem, nossa cultura está cheia de hábitos que aprendemos com os outros. Comer com talheres ou palitos, tomar banho em chuveiros ou de imersão, horários de refeições, dormir em camas ou redes, e uma infinidade de coisas diárias que nos ocupam.

Quando uma regra é insistentemente repetida, ela se transforma em hábito, então percebemos que não precisamos pensar em "como eu devo fazer isso, mesmo?" Quer dizer que essas ações como o jeito de comer, dormir ou tomar banho são regras?

De certa forma sim! Quando você testemunha alguém em sua cultura fazendo as "coisas habituais", como preparar alimentos ou mesmo escrever de outra forma que não aquela usual, a tendência é você se manifestar e reprimir o comportamento do outro. Claro que isso depende da situação e da intimidade possível, mas, no geral, nos espantamos, por exemplo, se uma pessoa em um jantar não familiar resolve

pegar os alimentos servidos à mesa com as mãos, ou se leva seu próprio talher que está sendo usado na tigela comum para se servir.

Transformamos algumas regras em hábitos, e alguns hábitos em regras. Tudo depende de qual situação está sendo analisada.



Lembrete

As regras se transformam em hábitos quando repetimos exaustivamente seu uso e deixamos de pensar que esse comportamento é uma forma de reger a vida coletiva.

Para cada cultura existe apenas **um único conjunto de valores e normas**? Sim e não. Ocorre que existem valores e regras muito gerais, que nos dão noção de como agir "em qualquer situação".

Entretanto, quando participamos de grupos dentro dessa cultura, como grupos religiosos, profissionais, esportivos, acadêmicos etc., percebemos que a cada âmbito social correspondem valores e normas específicos para aquele contexto.



Lembrete

Há regras e normas que devem ser seguidas por todos os indivíduos de uma sociedade, e há aquelas que são aplicadas apenas a alguns grupos específicos. Clubes, instituições religiosas, associações e partidos são bons exemplos desses grupos.

A tendência de um pequeno grupo social é estabelecer seu próprio conjunto de valores, que pode estar em acordo com a sociedade, como pode estar em grande desacordo.

Tudo depende da relevância e da legitimidade que esse grupo possa adquirir perante o resto da sociedade. Quando ele se torna muito influente, pode mudar coisas consideradas impossíveis. É importante ressaltar que, estando ou não de acordo com o conjunto de valores, é necessário que ele exista. É a partir de um modelo que os indivíduos e os grupos podem estabelecer concordância ou discordância com a totalidade da sociedade.



Lembrete

O consenso, em relação aos valores, é obtido quando a grande maioria da sociedade concorda com alguma atitude e lhe atribui importância.

As normas e os valores precisam ser mantidos, e, para isso, há uma espécie de "vigilância". Existem vários níveis de "vigilância" que a sociedade cria para zelar pelo cumprimento dos valores e das normas. Um é o institucional. Existem instituições para punir quem não se comporta "adequadamente", como escolas, prefeituras, a polícia, as leis e a jurisdição, além do Estado.

Também existe outro nível de "vigilância", que é o convívio social. Em todos os nossos contatos podemos observar como as pessoas julgam todo o tempo a conduta uns dos outros. Frases como: "mas também, mereceu!", "fulano é muito fofoqueiro", "eu não faria isso", "você pode me explicar por que fez isso?" entre tantas outras, são uma forma que os indivíduos demonstram que é preciso que todos participem de alguma forma do conjunto de valores, e que as normas devem valer para todos. Os que não seguem as normas e os valores são repreendidos, e recebem um tipo de punição moral, psicológica.

Então, vamos retomar um pouco nesse ponto. Vimos que há uma norma mais geral, que há normas que valem apenas em alguns grupos, e que os grupos que conseguem se tornar mais influentes podem determinar, para os outros, algumas normas e valores.

É possível afirmar que o estabelecimento de normas e valores em uma sociedade é sempre resultado de uma disputa em torno do consenso? Sim, a sociedade está o tempo todo debatendo sobre seus próprios valores, e a maior parte deles dificilmente é um consenso absoluto, mas apenas corresponde a uma maioria.

Aprendemos o "jogo social" de seguir regras desde muito cedo. Além, é claro, da educação oferecida pelos pais, que nos proporcionam a primeira socialização em nossas vidas, temos outras formas de introjetar¹ a lógica das regras. Os jogos são bons exemplos disso. Para participar, aprendemos desde cedo que é necessário seguir as regras, do contrário, o jogo não se desenrola. E se as regras de um jogo mudassem sempre e a cada vez que fosse jogado, não seria mais esse mesmo jogo, mas um jogo diferente.

Observe que é lento o processo de mudança de valores em uma sociedade. E para que ele aconteça, é necessária a participação, a discussão, os exemplos contrários, até que o coletivo perceba que não tem nada a perder, que não "acabaria o jogo" se abrisse mão de um ou outro valor ou se transformasse essa ou aquela regra.

Dentro de pequenos grupos sociais essa mudança é mais fácil. O coletivo torna-se mais acessível a todos que participam, e é viável um debate constante. Em clubes, empresas, associações, escolas, a mobilização para a discussão é um processo mais rápido e mais efetivo.

Já para mobilizar **toda** a sociedade, o processo é bem mais lento, pois pode haver um longo período de transição sem muito consenso em torno de determinado valor ou norma. Daí, o que normalmente ocorre é muito conflito em relação a como todos devem agir.

¹ Introjeção designa em psicologia e, mais especificamente, na teoria psicanalítica o processo pelo qual a criança incorpora os valores dos pais e da sociedade, transformando-os em seus (WIKIPEDIA).

As regras enquadram o comportamento humano, no sentido de que não permitem qualquer forma de conduta o tempo todo. Muitas vezes os indivíduos não podem fazer certas coisas como de fato gostariam, e acabam abrindo mão de suas vontades em função do que os outros iriam falar ou pensar.

Mas, as regras são, necessariamente, algo que "aprisiona" ou "limita" os indivíduos? Não! Seguir regras é um atributo humano, e tudo em nossa cultura depende delas. A linguagem falada/escrita é um conjunto de regras. Não seria possível nos comunicarmos se não as seguissemos. Para formular qualquer pensamento em sua mente, você precisa recorrer à linguagem que aprendeu. Você já percebeu que pensamos por meio de palavras? E que se não houvesse palavras, seu pensamento seria algo absolutamente incomunicável?

A língua, como todas as formas de linguagem, é um corpo repleto de regras que garantem a produção de sentido pela sua ordem lógica e gramatical. Permitindo aos seres humanos o uso dessa lógica na produção e ordenação de seus pensamentos, emoções e expressões, de forma individual ou coletiva. Os princípios lógicos dessa ordem são as regras que ela contém (PASSADOR, 2003).

Então, a exemplo da linguagem, podemos dizer que tudo, mas tudo mesmo, em nossa cultura é uma aplicação de regras. Para falar uma língua, é necessário dominar todas as regras de formulação do pensamento a partir de frases com coerência, coesão e de acordo com a norma dessa língua. Apenas assim, é possível comunicar tudo o que passa em nossa mente.

Língua e cultura não existem separadamente. Uma depende da outra, pois sem o desenvolvimento de uma língua, os indivíduos de um grupo não se comunicariam, e sem a cultura a linguagem seria limitada às necessidades de nosso instinto.

Até mesmo para expressar sentimentos como ciúme, amor ou ódio, não o fazemos a partir de algo inato em nosso ser, e sim a partir da forma como é aprendido em nossa cultura que é correto fazê-lo. Os sentimentos são inatos, mas a forma que encontramos para expressá-los não são. Vamos pensar em exemplos?

Pois bem, vamos falar de amor materno. Será que é algo que toda mulher tem "dentro dela"? Infelizmente não. O amor materno é um valor reforçado socialmente, e que algumas mulheres seguem com maior rigor e outras menos. Instinto materno seria mais apropriado para falarmos de natureza. Se amor fosse algo natural, será que encontraríamos bebês abandonados em lixeiras e em outros locais impróprios, como é comum vermos em noticiários?

Está bem, você pode argumentar que nesses casos o "desespero" foi maior que o amor dela por seu bebê, mas então é possível que a condição social/cultural se sobreponha a sentimentos inatos?

Sim, e muitos bebês são abandonados não apenas por falta de condição material da mãe para criá-lo; é comum mulheres de classes sociais privilegiadas, por questões morais, acabarem optando por essa prática. Moral, dinheiro ou tantas outras coisas podem se sobrepor ao "amor materno natural"? Apenas

entendendo que esse sentimento é resultado de um valor social, podemos explicar tantas exceções. Na hora de tomar uma decisão, os valores são ponderados, e a moral pode prevalecer sobre o amor ou a vontade pessoal.

As línguas são parte das culturas e, como os demais sistemas culturais (religião, economia, moral, arte, etc.), guardam relação intrínseca com as formas de vida e pensamento culturais. O fato de serem ordenadas a partir de regras, que se constituem como seus princípios de ordenação lógica, assim como qualquer sistema simbólico, revela que as culturas como um todo são ordenadas a partir de regras, que se constituem como seus princípios de ordenação lógica, possibilidade de produção e troca de significados compartilhados e, portanto, de comunicação e compreensão (PASSADOR, 2005).

Bem, continuaremos falando sobre outro sentimento, o ciúme. Em cada cultura, é reforçado que em alguns contextos é considerado apropriado "sentir ciúmes". Em nossa cultura, em que a forma de casamento é monogâmica, é muito comum vermos cenas de ciúme de namorados e de casais.

Os parceiros expressam com certa "naturalidade" esse sentimento frente aos outros, e em certa medida são apoiados em suas atitudes. A monogamia é uma **regra** e pressupõe a fidelidade conjugal. Pois bem, existem culturas onde a regra de casamento é a poligamia.²

Será que esse tipo de coisa acontece? Não! Em lugares onde o casamento pressupõe vários parceiros legalmente constituídos, as cenas de ciúme conjugal não são vistas, e, de fato, as pessoas são estimuladas desde cedo a reprimir esse tipo de atitude.

Assim, como o amor e o ciúme, todos os sentimentos humanos recebem influência da cultura de um povo para que adquiram expressão. A expressão de sentimentos humanos recebe uma forte carga da cultura de cada povo.

Esses são exemplos de como, ao longo da vida, os indivíduos respondem às influências de sua cultura e transformam em coisas naturais as regras que são sociais, ou seja, externas a cada um de nós. As regras se tornam hábitos, e, por isso, quando estes são confrontados com hábitos de outras culturas, surge uma tendência a considerar errado o que é apenas estranho.



Lembrete

Se os valores são um conjunto de ideias que um grupo social considera desejável no comportamento de seus indivíduos, as normas são regras de conduta baseada nesses valores.

² A poligamia é uma instituição presente em muitas sociedades, e supõe que o casamento pode e deve se realizar entre um marido e mais de uma esposa (poliginia) ou, ainda, uma esposa e mais de um marido (poliandria).

O mesmo acontece no mundo do trabalho. Cada um de nós se habitua às regras e formas de procedimento em certa organização, e, ao mudarmos de emprego, seja com outras funções, seja em outra empresa, precisamos passar por um período de adaptação, e isso é uma forma de **socialização**.

As regras são a garantia do grupo social de que cada um de nós tome atitudes, a maior parte do tempo, de acordo com a convenção coletiva, e não com os impulsos pessoais. Ao repetirmos os hábitos sociais, realizamos a possibilidade de convivência em grupo, evitando atitudes conflituosas e individualistas que exigiriam uma constante negociação das partes envolvidas até chegarem a um acordo. Já pensou como isso tornaria impossível a sociedade?

5.1 As mudanças de regras e valores

O conjunto de valores e regras de uma cultura está em constante transformação.

Não é possível manter indefinidamente o mesmo conjunto de valores e regras, porque tudo em uma cultura se transforma com o tempo. Se há uma transformação de hábitos, por exemplo, no uso da tecnologia, isso terá impacto em outros âmbitos da vida social, assim como na família ou no trabalho.

Você pode estar se perguntando: mas hábitos no uso da tecnologia podem mudar valores familiares? Sim! É muito claro isso em nossa própria cultura. Os membros de uma família tendem a empregar cada vez mais tempo interagindo com aparelhos eletrônicos do que com os próprios familiares. Por conta da importância dada à tecnologia, o ritmo das relações familiares face a face perdeu espaço na vida das pessoas.

Com relação aos valores e às regras no mundo do trabalho, há uma grande quantidade de transformações, que vão desde as exigências na formação até os hábitos que precisam ser coibidos por superiores, como o desperdício de tempo das pessoas com a interatividade social eletrônica.



Lembrete

Uma transformação de valores leva à outra, porque a cultura funciona em conjunto. É um todo interligado e não há como isolar algum de seus aspectos e garantir que não haverá mudanças.

Segundo Laraia (2006), as mudanças podem resultar de dois fatores principais, internos e externos.

As transformações são geradas a partir da vida coletiva de um povo que se transforma dinamicamente com o tempo, mesmo sem qualquer influência de eventos ou povos externos a ela. O choque de gerações é um bom exemplo para perceber esse fenômeno. Mas, muitas vezes, são transformações mais lentas para serem notadas e que podem ser aceleradas com eventos históricos como uma grande descoberta tecnológica ou mesmo uma guerra.

Já as externas são mais repentinas e normalmente resultam do contato com uma cultura alheia. Um caso exemplar em nossa história foi a chegada dos europeus ao continente americano, na época das Grandes Navegações, a partir de 1500 d.C.

Dizer que é um caso exemplar se justifica, pois hoje há um intenso contato entre culturas do mundo todo, a ponto de tornar mais difícil para as pessoas leigas perceberem os impactos de uma cultura sobre outra.

Já no caso dos povos nativos das Américas, os chamados indígenas, as transformações decorrentes do contato com culturas alheias foi um fato inegável. Isso ocorreu devido ao isolamento dos indígenas, que viviam em nosso continente há séculos, sem qualquer influência de povos não americanos.

Atualmente, não é tão nítida essa influência, pois quase não existem mais povos isolados, e as culturas passaram a ter cada vez mais valores que são mundiais, sendo o processo de influência perceptível apenas para os estudiosos das ciências sociais.

Portanto, as influências que resultam de fatores externos continuam a acontecer com frequência em nosso mundo cada vez mais globalizado.

A diferença é que atualmente há uma confusão sobre as fronteiras. Não há mais como afirmar o que é **apenas interno** e aquilo que, sem sombra de dúvidas, é algo **apenas externo**.



Lembrete

A palavra "tradição" deriva do latim *traditio*, que significa transmissão, algo que é transmitido do passado ao presente. Por isso, chamamos de tradição cultural um conjunto de valores e práticas que se mantém e atravessa muitas gerações.

O importante em diferenciar essas fronteiras é compreendermos que fazemos parte de um processo de transformações que tendem a ampliar a consolidação de valores mundiais, mas que não impedem de haver regras e valores locais. Afinal de contas, nossa vida cotidiana se faz, ainda, no convívio com o "nosso povo" e com o "nosso lugar".

Essa questão das tendências que denominamos de **globalização** será tratada de forma mais aprofundada na próxima unidade.

Por enquanto, nos interessa compreender como essa dinâmica de transformações de valores e regras ocorre, e quais seus impactos na vida de cada um de nós individualmente.

As regras e os valores se formam conjuntamente. Sim, não é possível aplicar regras que ferem valores, como não é possível manter valores se não há regras a eles associados.

Pois bem, em cada sociedade há uma enormidade de valores que podem estar presentes em pequenos grupos ou comunidades, mas que não, necessariamente, representam o conjunto dessa sociedade. Entretanto, sempre há uma norma vigente, um desses conjuntos de valores que atravessa toda a sociedade, independentemente de sexo, classe social ou religião.

É o que denominamos de valores predominantes ou valores vigentes. Eles se encontram dispersos na sociedade e são defendidos pela maioria de seus membros. Eles, portanto, caracterizam uma cultura.

A transformação desse conjunto predominante de valores é o nosso foco de interesse nesse momento. Como é que uma sociedade vivencia a transformação de valores que são tão importantes para a maioria de seus membros?

Toda transformação de valores acarreta em consequências desagradáveis para algumas pessoas. Isso porque há um controle social sobre nosso comportamento individual. Quando alguém age de forma considerada inadequada ou imoral, fica sujeito a punições de ordem pessoal. Essas punições atingem a vida desses indivíduos por meio da desmoralização pública, do isolamento ou mesmo da perseguição moral.

Ser chamado de nomes vexatórios e humilhantes, receber tratamento desprezível ou ser ignorado são recursos de punição moral que o grupo pode utilizar quando alguém age fora dos padrões convencionais.

Nesse momento, torna-se claro quem são os conservadores, aqueles que defendem a manutenção de uma ordem de valores; e quem são os inovadores, que apesar dos custos para sua vida pessoal e social assumem as consequências em nome das mudanças.



Lembrete

O processo de transformação de valores e regras pode gerar duas reações básicas no grupo social: os que as aceitam (podemos chamá-los de inovadores); e os que as rejeitam (podemos chamá-los de conservadores).

Segundo Laraia (2006), a sociedade pode ser vista como um palco de embate entre essas duas tendências e "as primeiras pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos".

Esse autor chama atenção para o fato de que ir contra regras morais vigentes coloca a sociedade em situações de conflito.

Assim, uma moça pode hoje fumar tranquilamente em público, mas isto somente é possível porque antes dela numerosas jovens suportaram as

zombarias, as recriminações, até que estas se esgotaram diante da nova evidência. Por isto, num mesmo momento é possível encontrar numa mesma sociedade pessoas que têm juízos diametralmente opostos sobre um novo fato (LARAIA, 2006).

Os conservadores representam a ordem de valores que está instituída e, portanto, têm apoio e poder para julgar e reprimir os inovadores. E para obter transformação, os inovadores precisam enfrentar as situações de constrangimento até que sua conduta não seja mais percebida como uma ameaça ao grupo.

Como todo sistema, a cultura e os valores vigentes também têm dois níveis de existência, que são o ideal e o real. O ideal corresponde àquilo que as pessoas idealizam, portanto, não é algo concreto, mas uma abstração, uma construção mental.

Já o real corresponde à forma como as pessoas colocam em prática, de fato, os valores vigentes. Sabe aquela velha frase: "na prática a teoria é outra"?³ Apesar de seus equívocos, essa frase nos serve para ilustrar a questão de como a sociedade, às vezes, é bastante dúbia.

É que mesmo entre os defensores da moral vigente, é possível perceber que há muitas exceções, e, ainda muitas vezes, as regras sendo aplicadas de forma equivocada. Vamos pensar em um exemplo bem simples para uma colocação que pode lhe parecer tão complicada: o caso da regra de fidelidade matrimonial.

Em nossos valores vigentes, idealmente o casamento deve ser uma instituição monogâmica, dentro da qual os parceiros devem manter esse preceito da fidelidade. Entretanto, mesmo entre pessoas muito conservadoras, não é incomum encontrarmos casos de infidelidade, que muitas vezes são conduzidos de forma muito danosa afetivamente e moralmente para o outro cônjuge.

O ideal é um, a prática é outra.

Mas os valores não são referentes apenas a esse tipo de questão relacionada à moral sexual ou de comportamento em público. Todo tipo de ideia que carrega consigo uma importância para nossa consciência é um valor.

Vamos citar exemplos bem atuais. A preservação do meio ambiente passou a ser um valor para a humanidade quando se percebeu a falta de sustentabilidade do modelo que utiliza de forma abusiva os recursos do meio ambiente, gerando poluição, extinção e desequilíbrio.

Há aspectos da vida social em torno dos quais não existe um consenso de valores, e é possível encontrarmos coisas opostas. Por exemplo, sobre o tema "trabalho", podemos levantar uma multiplicidade

³ Essa frase representa certas falácias sociais, uma vez que essa divisão é inexistente e foi construída pela sociedade que dá supremacia a resultados práticos, não discutiremos aqui todo o problema que envolve tal afirmação pelo senso comum. Mas é importante que você saiba que ela está sendo usada como recurso de lógica e não no seu sentido literal, e que as ideias embutidas nela são errôneas.

de valores, como dignidade e esperança, realização e motivação. Mas também encontramos o trabalho relacionado a valores como sofrimento, mal necessário, martírio.

Você consegue pensar em outros exemplos que ilustrem essa ideia sobre as regras e valores de nossa sociedade atualmente? Faça esse exercício por alguns instantes. Relacione aspectos de nossa vida social, como a família, as amizades, o lazer, e procure fazer uma lista dos valores relativos a cada um deles.

Depois de fazer isso, você vai perceber como os valores vão mudando com o passar do tempo e como é necessário que se compreenda esse movimento da cultura em torno dos valores e das regras.

Toda cultura sofre uma constante transformação, a cultura é algo vivo e dinâmico. Por mais que uma sociedade pareça "congelada", há sempre algumas coisas que mudam com o tempo.

Estar preparado para entender as mudanças de nossa época, e se posicionar como indivíduos capazes de construir uma opinião é um grande desafio.

Concluindo, cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (LARAIA, 2006).

Ser conservador sempre pode transformar uma pessoa em inflexível e preconceituosa. Por outro lado, não refletir sobre as mudanças e abraçar todas as novas causas pode transformar uma pessoa em alguém pouco confiável para tecer julgamentos, por incapacidade de se posicionar.

Um bom caminho para saber se posicionar, em relação às atitudes muito simples do cotidiano até as questões que colocam em risco a ordem das coisas, é tentar ponderar considerando os seguintes aspectos.

As mudanças/ inovações beneficiam a quem e por quê?

As mudanças/ inovações prejudicam a quem e por quê?

Assim, podemos considerar, de forma mais justa, a necessidade ou não da defesa das inovações ou da manutenção da ordem.



Observação

Na antropologia, a discussão a respeito da manutenção da tradição cultural ou de sua transformação tem uma longa lista de autores e pesquisas.

Normalmente, a importância dessa discussão se deve aos fenômenos do contato entre diferentes culturas, a que denominamos "contato cultural" ou "contatos interétnicos". Os cientistas procuram compreender qual o impacto desse contato com o diferente em uma tradição.

Leia o trecho, a seguir, em que o autor Mércio Pereira Gomes coloca algumas observações importantes.

Além do aspecto físico, a cultura se reproduz, para usarmos um raciocínio tautológico, por meios próprios, culturais. O principal meio cultural de reprodução é a transmissão de significados culturais não só de geração a geração, mas no espaço de uma mesma geração, no cotidiano. Isso se dá por meio da linguagem e do comportamento ensinado, emulado e aprendido pelos novos membros da coletividade. Ao transmitir os significados que a caracterizam, a cultura ao mesmo tempo se mantém. No processo de transmissão, que se dá no tempo, ela pode criar novos significados e, portanto, mudar. A cultura tem meios e instituições de autopreservação e conservação que lhe permitem funcionar com estabilidade – e, por conseguinte, dar confiança aos indivíduos que a vivenciam. São meios de conservação a língua, entendida aqui como o compartilhamento dos significados das palavras para a transmissão de mensagens; os modos de educação, formais e informais, que também podemos chamar de "enculturação"⁴, isto é, o tornar-se membro de uma cultura; as maneiras de sociabilidade; as instituições como casamento e família. Os rituais de solidariedade social, e muito mais. (GOMES, 2009)

Síntese

Para ser possível a vida em sociedade, precisamos de valores comuns e regras que orientem nossa conduta pessoal. Ao longo de nossas vidas, aprendemos constantemente as formas mais adequadas de conduta em cada ambiente social por meio dos processos de socialização.

Os valores e regras estão em constante mudança, e são uma importante referência para o comportamento dos indivíduos em relação às suas consciências. Cada indivíduo procura agir de acordo com o que entende ser correto, também emite julgamentos ou toma exemplos alheios como lições de boa conduta social.

É importante você saber que esse assunto que envolve normas, regras, valores é de extrema importância em nossas relações sociais, e envolve reações que podem ser muito expressivas emocionalmente. Ou seja, ao defender um conjunto de valores, ao defender uma tradição ou simplesmente algo considerado muito importante, as pessoas podem se deixar levar por fortes emoções e se tornarem agressivas, ou com raiva, ou intolerantes, ou ainda muito sensíveis e abaladas.

⁴ Enculturação é o mesmo que endoculturação, conceito utilizado.

Em muitos campos de atuação profissional isso faz parte de experiências que são quase cotidianas. Advogados, psicólogos, veterinários, educadores físicos, publicitários, administradores, educadores, nutricionistas, médicos, fisioterapeutas, enfim, para listar apenas uma pequena amostra, todos esses profissionais em seu contato com o público, e ao aplicar ou indicar um procedimento profissional, podem se deparar com conflitos de interesses e valores que já estão instituídos, ou as "verdades" locais.

A forma como as pessoas organizam seu universo social, como orientam sua conduta com os outros, consigo mesmo ou com os animais é resultado de um sistema de valores estabelecido sobre tradições, costumes, regras que são herdadas. Esse conjunto que orienta a conduta das pessoas pode ter um caráter muito local, ser muito específico de um tipo de comunidade, ou ter uma abrangência mais universal.

A ciência e seus procedimentos não defendem que seja papel de um profissional impor outra perspectiva às pessoas. Mas quando essa perspectiva que já está instituída é prejudicial à saúde, às boas relações sociais, ou à natureza, se faz necessário um trabalho de diálogo, de esclarecimento. Nem tudo que é tradicional é necessariamente bom para todos.

E o inverso também é verdadeiro. A ciência depende da expansão do conhecimento. Muitas vezes aspectos de uma tradição podem colaborar para a boa atuação profissional e ampliar o conhecimento sobre um tema.

Portanto, o que vale no final de tudo é a ética do profissional. O respeito ao outro não pode ser abandonado mesmo quando se faz necessária alguma mudança em seu universo de valores.



Saiba mais

Se você quiser aprofundar suas leituras sobre esses temas, tente os *links* abaixo:

– *Valores e normas*, publicado por Caderno de Sociologia.

GIDDENS, A. *Sociologia*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, pp. 22-23. Trecho Disponível em: <<http://cadernosociologia.blogspot.com/2009/01/valores-e-normas.html>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

– Regina Aparecida Freitas da Costa Diniz. *Uma reflexão sobre a ética, multiculturalismo e educação*:

DINIZ, R. A. F. da C. Uma reflexão sobre a ética, multiculturalismo e educação. In: NET SABER. *Net Saber*. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_10165/artigo_sobre_uma_reflexao_sobre_a_etica_multiculturalismo_e_educacao>. Acesso em: 19 abr. 2011.

– *Conceitos básicos de sociologia e antropologia, ferramentas para pensar.*

CONCEITOS BÁSICOS DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA, ferramentas para pensar. Texto disponível em: <mit.universia.com.br/21/21A218J/PDF/basicconcepts.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2011.

– Para ler um documento muito interessante de uma comissão da UNESCO, que discute a prática científica e as tradições culturais, no contexto de uma profissionalização transdisciplinar (que abrange diferentes ciências), leia: *Ciência e tradição perspectivas transdisciplinares para o século XXI.*

Berger, R. *et alii.* Ciência e tradição perspectivas transdisciplinares para o século XXI. Texto disponível em: <www.manamani.org.br/cienciaetradicao.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2011.

– *Turquia mantém tradição de tratar psoríase com "peixe médico",* reportagem disponível no G1:

TURQUIA MANTÉM TRADIÇÃO DE TRATAR psoríase com "peixe médico". *G1.* 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1261527-5603,00-TURQUIA+MANTEM+TRADICAO+DE+TRATAR+PSORIASSE+COM+PEIXE+MEDICO.html>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

– Sobre sustentabilidade e aproveitamento de recursos ambientais:

SILVA, W. C. C. *et alii.* Identidade cultural: sustentabilidade em comunidades tradicionais. In: X JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – JEPEX 2010 – UFRPE: Recife, 2010. Recife. *Anais...* Disponível em: <<http://www.sigeventos.com.br/jepex/inscricao/resumos/0001/R0601-2.PDF>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

Sugestão de leitura complementar

GOMES, M. P. *Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura.* São Paulo: Contexto, 2009.

PASSADOR, L. H. A noção de regra: princípio da cultura, possibilidade de humanidade. in GUERRIERO, S. *Antropos e psique: o outro e sua subjetividade.* São Paulo: Olho d'Água, 2005.

6 CADA POVO UMA CULTURA, CADA CULTURA UMA SENTENÇA: A DIVERSIDADE CULTURAL

Objetivo

Tentar compreender outra cultura é um exercício muito parecido com o de tentar compreender o outro, ou seja, alguém que pensa bem diferente de você.

Entrar em contato com diferentes perspectivas ou formas de reagir ao contato com as diferenças culturais traz um aprendizado maior do que pode parecer. Possibilita uma flexibilidade pessoal para compreender que, ao aceitar o ponto de vista do outro, pode-se enriquecer a visão de mundo pessoal.

Assim é quando aprendemos a compreender o diferente, desde outra pessoa até outro povo.

Aprender com o relativismo cultural essa possibilidade de se colocar no lugar do outro, é ampliar as possibilidades de soluções criativas.

Introdução

Existe uma tendência no senso comum a classificar as diferentes culturas em graus evolutivos. Frases como: "que povo atrasado!", "isso sim é um povo evoluído!" são corriqueiras em nosso cotidiano. Mas dificilmente nos questionamos sobre o que estamos considerando para julgar alguém dessa forma.

A antropologia entrou nesse debate na segunda geração de pesquisadores⁵, que ao conhecer mais profundamente a diversidade cultural por meio da pesquisa de campo, apontou a impossibilidade de tais julgamentos.

Principais conceitos

Etnocentrismo, relativismo, diversidade cultural, alteridade, cultura evoluída *versus* cultura primitiva, endoculturação, aculturação.

Ao formar uma coletividade, o ser humano desenvolve hábitos de convívio e soluções para sua vida social que podem ser extremamente variados. A isso denominamos diversidade cultural. Nossa reação perante as diferenças de comportamento de um lugar para outro podem ser orientadas de duas formas: ou pelo etnocentrismo ou pelo relativismo cultural. Neste item serão abordadas a rejeição do diferente (representada pelo etnocentrismo) e a aceitação do diferente (representada pelo relativismo).

⁵ A chamada primeira geração de antropólogos inclui os primeiros pesquisadores do século XIX, que jamais saíram da Europa para conhecer os povos sobre os quais teorizavam. Já a chamada "segunda geração" chegou logo depois, a partir dos primeiros anos do século XX, e praticavam a "pesquisa de campo", que supõe a permanência entre os membros da cultura observada.

Estamos o tempo todo em contato com universos culturais diferentes do nosso, seja com outros povos, seja com costumes regionais. Por isso, é importante exercitarmos nossa capacidade de relativizar as diferenças, considerando a perspectiva a partir da qual o "outro" vê o mundo.

A antropologia nega a existência de culturas em estágios de evolução ou primitivismo, e desenvolveu o relativismo cultural para refletir sobre as diferenças entre as muitas culturas humanas.

6.1 A diversidade cultural

Vamos nos dedicar a refletir sobre a diversidade cultural.

Vimos, nos itens anteriores, que a cultura é um fenômeno produzido pelo ser humano, mas que depende da condução da coletividade, ou seja, ela é construída socialmente, e não herdada biologicamente. Isso faz com que em cada lugar e em cada época histórica, exista uma imensa diversidade de regras, símbolos e formas de conduzir a vida coletiva. É o que chamamos de diversidade cultural.

Podemos considerar algumas consequências deste fato. O primeiro deles, é que em cada cultura o ser humano desenvolve respostas e soluções, às vezes, completamente originais e diferentes para sua vida em sociedade. Isso acontece tanto em relação às técnicas de sobrevivência e transformação da natureza à sua volta, como nas regras de convívio social.

Vimos anteriormente em outros itens, que mesmo em meio ambientes muito semelhantes, podemos encontrar exemplos de formas culturais bastante diferentes entre si.

A outra consequência da diversidade cultural é que, quando colocadas em contato, as diferenças culturais suscitam reações que podem ir da simples admiração ou humor até o ódio mais violento. Quando essa reação ao diferente faz com que as pessoas julguem a sua própria cultura como sendo superior à outra, chamamos a isso **etnocentrismo**.

Etnocentrismo é uma visão do mundo em que o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos a partir dos nossos valores, nossos modelos e nossas definições do que é a existência.

No plano intelectual, esse pensamento pode ser visto como a dificuldade em aceitar que a diferença de lógicas e sentidos possa existir; no plano afetivo, o etnocentrismo pode ser percebido em sentimentos de estranheza, medo, hostilidade etc.

Para compreender o conceito de etnocentrismo, vemos que "etno" vem da palavra etnia, que significa um povo que compartilha a mesma base cultural – língua, tradições, religião – e "centrismo" significa colocar no centro. Portanto, praticar o etnocentrismo é o mesmo que colocar minha própria cultura como centro do mundo, a partir da qual todas as outras são comparadas inferiormente, nunca se igualando à superioridade da minha.

Todos nós somos, em alguma medida, etnocêntricos, pois é natural preferirmos nosso próprio modo de encarar o mundo ao de qualquer outro povo. Portanto, guardadas as devidas proporções, o etnocentrismo nada mais é que uma forma de valorizar a própria identidade cultural.

Mas o etnocentrismo pode ser um problema quando se torna uma forma sistemática e repetitiva para enfrentarmos a diferença, pois assim nos tornamos incapazes de ser flexíveis e admitir novas formas de solucionar as coisas.

Ou pior ainda, quando o etnocentrismo se torna tão radical que uma etnia deseja exterminar a outra simplesmente por não tolerar seus costumes e sua forma de encarar o mundo, ou quer dominar o outro, sufocando suas regras, leis e costumes até que nada de sua originalidade tenha sobrevivido.

Atualmente, temos vários exemplos de "guerras étnicas" no mundo, tanto guerras de fato – para citar a Bósnia, ou a Chechênia – quanto guerras que acontecem por causa do "imperialismo cultural", que é quando uma cultura se impõe sobre outras exercendo influências no cotidiano e se utilizando do mercado, dos meios de comunicação ou qualquer outra forma de participar dos hábitos de seus indivíduos e influenciá-los a agir de outra forma.

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais.

O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. As autodenominações de diferentes grupos refletem este ponto de vista. Os Cheyene, índios das planícies norte-americanas, se autodenominavam "os entes humanos"; os Akuáwa, grupo Tupi do Sul do Pará, consideram-se "os homens"; os esquimós também se denominam "os homens"; da mesma forma que os Navajo se intitulavam "o povo". (...)

Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância, e, frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros (LARAIA, 2006).

A diversidade cultural pode ser encontrada não apenas de um povo para outro, de um lugar para outro, mas, por exemplo, dentro de um mesmo país. Aqui no Brasil, conhecemos o fenômeno dos "regionalismos", que são costumes que mudam de uma região para outra, e como resultado temos um país rico em culturas locais.

Além disso, sentimos as diferenças culturais entre pessoas que moram em grandes centros urbanos e aquelas que habitam em pequenas cidades do interior. Mudam alguns aspectos da cultura brasileira entre esses diferentes ambientes sociais (de uma região para outra, da cidade para o campo).



Lembrete

É possível perceber a diversidade cultural quando um grupo social tem dificuldades em aceitar o modo dos "outros" fazerem as coisas.

Os cidadãos urbanos, tendem a achar "atrasadas" as localidades em que ainda não chegaram os *shopping centers*, as grandes avenidas, os viadutos, o aglomerado humano e cultural das grandes cidades. A vida no interior tem outros hábitos, outro ritmo, outras preocupações cotidianas. Assim, de forma etnocêntrica, as pessoas tendem a achar que falta "agitação", "opção", como se não houvesse "o que fazer" em um lugar menos denso populacionalmente.

A diversidade cultural existe em dois níveis, de uma grande cultura para outras e dentro de uma mesma cultura. Esses níveis são percebidos na experiência social quando se sente que, independentemente do Estado de origem, temos muita coisa em comum, que nos faz em pertencer a um mesmo complexo cultural, uma nacionalidade.



Lembrete

A diversidade cultural existe tanto de um povo para outro ou de uma nação para outra, como dentro de uma mesma cultura.

Entretanto, de uma região para outra ou de um tipo de ambiente social para outro, existem variações que tornam esse povo único, especial. Existe uma imensa variação possível dos hábitos culturais dentro de um único país: o uso da linguagem, a alimentação, o trato social, o tipo de humor etc.

Na linguagem antropológica, quando estamos lidando com uma pessoa com hábitos diferentes do nosso, com outra cultura, estamos perante o "outro". Esse outro pode ser alguém que não fala a minha língua, que não se veste como eu, mas também pode ser alguém que compartilha muitos hábitos semelhantes aos meus, e outros nem tanto.

A nossa capacidade em nos relacionar com o "outro" é chamada de **alteridade**. Essa capacidade nos torna pessoas mais flexíveis e mais criativas em soluções, pois ampliamos nosso universo de visão do mundo, saindo da própria "casca".

Alteridade (ou outridade) é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro (que em uma visão expandida se torna o Outro – a própria sociedade diferente do indivíduo).

Dessa forma eu apenas existo a partir do outro, da visão do outro, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo, sensibilizado que estou pela experiência do contato (WIKIPEDIA. *Alteridade*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alteridade>>, acesso em 02 de novembro de 2010).

Quanto mais fechados em nosso próprio universo cultural menos possibilidades temos de compreender a riqueza humana em criar diferentes perspectivas para uma mesma questão.

Você consegue perceber em seu cotidiano essa dificuldade de adaptação a novos ambientes sociais/culturais? Quando a gente começa a frequentar um novo círculo social, por causa de trabalho, ou religião, ou amizades, enfim, independente da motivação que temos para estar lá, existe uma dificuldade inicial que é "entender o outro".

Para compreender a importância de aprofundar a reflexão sobre o contato com o outro ou com a diferença, leia esse trecho, a seguir, em que a autora Neusa M. M. de Gusmão, demonstra que os tempos mudaram, e isso exige uma conduta diferente por parte da sociedade.

Se no passado o outro era de fato diferente, distante e compunha uma realidade diversa daquela de meu mundo, hoje, o longe é perto e o outro é também um mesmo, uma imagem do eu invertida no espelho, capaz de confundir certezas, pois não se trata mais de outros povos, outras línguas, outros costumes. O outro, hoje, é próximo e familiar, mas não necessariamente é nosso conhecido. O desafio da alteridade é assim, mais contundente agora do que no passado, em que a imposição pela força era suficiente para definir hierarquias e papéis, subjugando em nome de princípios científicos, morais e religiosos (GUSMÃO, 1999).

Você considera o brasileiro etnocêntrico?

Pense um pouco sobre essa questão. Normalmente o brasileiro se julga pouco patriota e muito aberto às influências externas. O brasileiro sabe que aceita a presença de outros povos de forma muito mais cordial que a população de muitos outros lugares. Pensando assim, nos falta etnocentrismo, é bem verdade.

Entretanto, o brasileiro se julga o povo mais receptivo, informal e alegre do mundo. Isso é uma forma de etnocentrismo. Negamos a outros povos a alegria, nos colocando como superiores nessa questão.

Ou, ainda, podemos lembrar que em relação aos outros povos da América Latina, o brasileiro se considera "melhor" ou "superior". Por isso, somos etnocêntricos sim! E vale lembrar que o etnocentrismo pode acontecer dentro de um mesmo país, como o nosso, que comporta diferentes regiões culturais.

O paulista, por suas próprias razões, se considera "melhor" ou "mais trabalhador" que o carioca, e vice-versa; "nordestino" ou "baiano" virou apelido pejorativo no Centro-Sul, utilizado de forma

preconceituosa e ofensiva. Os baianos por sua vez, acusam os paulistas de serem um povo sem tradições próprias ou identidades, e assim seria possível seguir com muitos exemplos. Todas essas são formas de etnocentrismo.

Veja o que Roque de Barros Laraia coloca sobre o assunto: "Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais (LARAIA, 2006).

Existe uma oposição ao etnocentrismo? Sim, é o que chamamos de **relativismo cultural**.

Quando somos capazes de avaliar uma cultura alheia, sem utilizar o tempo todo a nossa própria cultura como parâmetro de comparação, estamos relativizando. O relativismo cultural faz parte da antropologia desde meados do século XX, quando muitos pensadores passaram a defender que não era correto um cientista julgar algumas culturas como "evoluídas" ou "atrasadas" em relação às outras. Para isso, usaram argumentos sobre a falta de imparcialidade nesse tipo de pensamento.



Lembrete

O relativismo cultural é uma atitude que exige que o observador se coloque no lugar do outro para julgar as situações a partir de uma perspectiva relativa ao outro, e não a si mesmo. Por isso, exige a alteridade.

Se você quiser pesquisar um pouco mais sobre etnocentrismo e relativismo cultural, há no portal de vídeos "Youtube" um bom número de trabalhos desenvolvidos. Basta você colocar em sua busca esses termos, e poderá ver como é uma questão que envolve dificuldades para um relacionamento humano bom e ético.

Quando julgamos a totalidade de uma cultura como "evoluída", sugerimos que ela está avançada ou melhorada em relação às outras que devem seguir esse mesmo rumo de modificações.

A pergunta que a antropologia colocou é: existe uma única forma de evolução cultural? Todas as culturas devem, necessariamente, evoluir na mesma direção? Se a resposta que você der for afirmativa, então, deveremos levantar alguns problemas.

O que podemos considerar como evolução?

O relativismo cultural rompe com a noção de uma história e uma cultura únicas e comuns a todos os povos, assumindo que cada povo tem sua história particular, relativa às experiências que cada um viveu naquele tempo e espaço em que se inserem (PASSADOR, 2003).

Podemos dizer que evolução são conquistas tecnológicas? Será que a tecnologia é um quesito suficiente para garantir que uma cultura seja superior?

Nas sociedades de tecnologia avançada, atualmente, os indivíduos trabalham pelo menos oito horas diárias para sobreviver, e necessitam de, pelo menos, 15 anos de estudos para garantir um nível "médio" de qualidade de vida. Quanto menor for o investimento de tempo e recursos para os estudos, menor serão os rendimentos garantidos para a família. Assim, se não quisermos nos submeter a uma vida materialmente difícil e com poucos recursos, temos que investir bastante em nossa qualificação profissional.

Essa situação é completamente diferente em uma tribo, em que a tecnologia se resume aos instrumentos de sobrevivência, como arados, machados e teares. Um indivíduo de uma tribo brasileira, por exemplo, trabalha, em média, três horas diárias, e não frequenta um dia sequer em escolas. Ele não precisa se preocupar com sua qualidade de vida, pois todos em uma tribo possuem exatamente o mesmo nível econômico⁶. Sua qualificação para o trabalho se dá durante seus contatos com indivíduos mais experientes, e as crianças participam com os adultos de todas as atividades, sendo submetidas desde cedo às estratégias de sua cultura para sobreviver. Como a sociedade não conhece diferenças econômicas, não existe criminalidade, violência ou problemas sociais, como drogas, prostituição e doenças mentais.

Você pode ter uma ideia de como uma economia como a dos índios, que nos acostumamos a chamar de "economia de subsistência", por não produzir excedentes para o mercado, pode ser encarada de forma muito contrária à ideia de "miséria" ou de "condição precária". Leia abaixo:

Os índios, efetivamente, só dedicavam pouco tempo àquilo a que damos o nome de trabalho. E apesar disso, não morriam de fome. As crônicas da época são unânimes em descrever a bela aparência dos adultos, a boa saúde das numerosas crianças, a abundância e variedade dos recursos alimentares. Por conseguinte, a economia de subsistência das tribos indígenas não implicava, de forma alguma, a angustiada busca, em tempo integral, por alimento. Uma economia de subsistência é, pois, compatível com uma considerável limitação do tempo dedicado às atividades produtivas (CLASTRES, 1990).

O trecho demonstra que não há, entre os indivíduos das sociedades de economia de subsistência, qualquer sentimento ou evidência de escassez ou penúria. O autor, Pierre Clastres defende que essas sociedades não são incapazes de desenvolver tecnologia e não desejam produzir excedentes. Para eles, o valor fundamental é o tempo livre, e não a riqueza acumulada individualmente (Clastres, 1990).

Jacques Lizot, que vive há muitos anos entre os índios Yanomami da Amazônia venezuelana, estabeleceu, cronometricamente, que a duração média do tempo que os adultos dedicam todos os dias ao trabalho, incluídas todas as atividades, mal ultrapassa três horas. Não chegamos, pessoalmente, a

⁶ Denomina-se "sociedades de economia igualitária" os modelos de organização social e econômica que não geram desigualdades e hierarquia entre os indivíduos, em termos de poder econômico; e "sociedades de economia desigualitária" aqueles modelos que geram essa desigualdade. A nossa sociedade é desigualitária. Para aprofundar esse assunto, é recomendada a leitura de: GOMES, M. P. *Antropologia*. São Paulo: Contexto, 2009 (Especialmente o capítulo "Antropologia Econômica").

realizar cálculos desse gênero entre os Guayaki, caçadores nômades da floresta paraguaia. Mas pode-se assegurar que os índios – homens e mulheres passavam pelo menos a metade do dia em quase completa ociosidade, uma vez que a caça e a coleta se efetuavam, e não todos os dias, entre, mais ou menos, 6 e 11 horas da manhã. É provável que estudos desse gênero, levados a efeito entre as últimas populações primitivas, resultassem – consideradas as diferenças ecológicas – em resultados muito parecidos (CLASTRES, 1990).

Desse ponto de vista, será que ainda é sustentável afirmarmos que a tecnologia é o quesito mais importante para formar uma sociedade evoluída? Podemos mesmo sustentar que evolução pode ser resumida em avanço tecnológico?

A antropologia defende que isso não é possível, e que precisamos considerar cada aspecto de uma cultura dentro de seu próprio contexto, comparativamente a outras, mas cada uma dentro de seus próprios valores. Portanto, existem tecnologias e tecnologias. Quando o conceito de tecnologia vem associado à destruição ambiental, à exclusão social, ao monopólio de conhecimentos e à acumulação de riquezas, podemos afirmar que acontece evolução? As ciências sociais afirmam que não.

Assim, não podemos generalizar nossas comparações, não podemos julgar com preconceitos, ou seja, antes é necessário conhecer e ponderar as implicações e os aspectos de cada traço de uma cultura, como sua tecnologia, seu conhecimento, suas leis ou suas crenças.

Isso é relativizar, analisar cada aspecto de uma cultura de acordo com seu próprio contexto. Por isso, a antropologia nega a existência de uma hierarquia de culturas, que começaria com as mais "primitivas" ou "atrasadas" e iria até o topo das mais "avançadas" e "evoluídas".

Essa escala única, dentro da qual teríamos que encaixar e classificar cada cultura, só faz sentido se aceitarmos que um índio precisa se transformar no futuro em um operário, em um executivo engravatado ou em um cientista. As culturas não precisam produzir, necessariamente, o mesmo tipo de sociedade, cada uma vai construindo sua própria história e suas próprias soluções de mundo. Cada uma "evolui" ao seu próprio modo.

Relativizar é aceitar outras soluções de mundo, sem querer transpor de forma simples essa solução para um contexto onde ela não se encaixa. Os brasileiros não se adaptam à forma de trabalhar dos orientais, mas podem usar seus conceitos, adaptando-os às suas características, trazendo-os ao seu contexto⁷.

Para que você situe a questão do problema gerado pelo etnocentrismo em nossa sociedade atualmente, veja abaixo algumas colocações de autores como Everardo ROCHA (*O que é etnocentrismo*, São Paulo: Brasiliense) e Mércio P. GOMES (*Antropologia*, São Paulo: Contexto):

⁷ Há hoje na antropologia um intenso debate sobre o valor do relativismo cultural. Isso porque se considera que seu uso é exagerado e se levado à risca, impede o debate da ética entre as diferentes culturas. Assim, não poderíamos jamais julgar o outro como errado, pois não existiriam princípios éticos universais, como os Direitos Humanos. Mas, guardados esses radicalismos, o relativismo cultural cumpre um importante papel científico e humano ao valorizar a existência dos "outros".

- A colocação central sobre etnocentrismo pode ser expressa como a procura de sabermos quais são os mecanismos, as formas, os caminhos e razões, enfim, pelos quais tantas e tão **profundas distorções** se perpetuam nas emoções, pensamentos, imagens e representações que fazemos da vida daqueles que são diferente de nós?

O poder de que fala sobre o outro:

Quando construímos uma fala sobre o outro, nos colocamos em uma posição central, e esquecemos que algumas coisas podem ser "distorcidas" em nossa fala. Falar do diferente pode provocar medo, ou raiva.

- A diferença é ameaçadora porque fere nossa própria identidade cultural
- No etnocentrismo, uma mesma atitude informa os diferentes grupos. O etnocentrismo não é propriedade de uma única sociedade.
- O etnocentrismo passa exatamente por um julgamento do valor da cultura do "outro" nos termos da cultura do grupo do "eu".
- Aqueles que são diferentes do grupo do eu – os diversos "outros" deste mundo – por não poderem dizer algo de si mesmos, acabam representados pela ótica etnocêntrica e segundo as dinâmicas ideológicas de determinados momentos.
- A "indústria cultural" – TV, jornais, revistas, publicidade, certo tipo de cinema, rádio – está frequentemente fornecendo exemplos de etnocentrismo.
- No universo da indústria cultural é criado sistematicamente um enorme conjunto de "outros" que servem para reafirmar, por oposição, uma série de valores de um grupo dominante que se autopromove a modelo de humanidade.

Mas, como relativizar então?

- **Relativizar** é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim ou uma transformação.
- **Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia**, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença.
- **Relativizar** é olhar para o mundo a partir do ponto de vista **do outro**.
- Quando vemos que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição: estamos relativizando.
- Quando compreendemos o "outro" nos seus próprios valores e não nos nossos: estamos relativizando.

- Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta, mas no contexto em que acontece: estamos relativizando (ROCHA, 1998).



Lembrete

O etnocentrismo e o relativismo cultural são formas opostas de agir em relação ao "outro". Pode haver uma gradação ao utilizá-los. Não devemos ser tão etnocêntricos a ponto de odiar o outro, e não devemos relativizar princípios que são universais e preservam a integridade de qualquer ser humano.

O valor da hierarquia para os orientais é tão fundamental, que muitas vezes não compreendemos sua obsessão em obedecê-la. Acabamos chamando a isto de "submissão", quando na verdade é um fenômeno mais complexo que isto. Se não compreendemos a importância da hierarquia para os orientais em toda sua profundidade, podemos valorizar uma chefia que conduz sua equipe a um trabalho bem sucedido, ou um subordinado que desempenha brilhantemente suas tarefas. Valorizar e respeitar alguém superior ou inferior na escala de divisão de tarefas são componentes da hierarquia.

Quanto mais exposta à diversidade cultural, mais exercícios de alteridade uma pessoa precisa desenvolver. Aprendemos a julgar o mundo a partir dos valores de nossa cultura, e isto é necessário em nossas vidas. Mas nenhum de nós possui a totalidade do conhecimento de nossa própria cultura, e nenhuma cultura é isoladamente perfeita. Portanto, a riqueza da diversidade cultural está em mostrar diferentes pontos de vista para questões semelhantes.



Lembrete

É preciso considerar que em qualquer sociedade todos os indivíduos são influenciados pela visão de mundo de sua cultura para fazer julgamentos.

A diversidade cultural é tão importante para a humanidade quanto a diversidade biológica. Sem o equilíbrio e a convivência entre as diferentes culturas, teríamos, com certeza, uma humanidade mais pobre, na qual a troca de experiências se limitaria a repetir sempre as mesmas soluções. Respeitar e saber aproveitar a diversidade são desafios para o mundo futuro.

A seguir, você tem a oportunidade de ler um trecho do documento produzido pela 31ª Conferência Geral da Unesco, ocorrida em novembro de 2001, em Paris. Trata-se da "Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural". O documento é disponibilizado para consulta eletrônica e é apresentado como: "um instrumento legal que reconhece, pela primeira vez, a diversidade cultural como 'patrimônio comum da humanidade' e considera sua guarda um imperativo concreto, inseparável do respeito à dignidade humana"⁸.

⁸ Tradução livre do original em inglês disponível em: <http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL_ID=2977&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>, acesso em 03 de novembro de 2010.

Identidade, diversidade e pluralismo

Artigo 1 – A diversidade cultural, patrimônio comum da humanidade.

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica é para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras (UNESCO, 2002.).

Na última década, a diversidade cultural se tornou um tema importante em muitos setores da sociedade. O tema "diversidade" pode ser encontrado em artigos que procuram desenvolver novas condutas em muitas esferas de atuação profissional. Como, por exemplo, as áreas de gestão e administração de empresas, educação, publicidade, jornalismo, *marketing*, arquitetura, *design*, entre outras.

Você pode pesquisar na internet blogs, revistas, páginas corporativas, artigos científicos em que os termos "diversidade cultural" estejam envolvidos. Você poderá perceber que tem sido um tema importante na atualidade.

Você também pode assistir a um pequeno audiovisual disponível no Youtube, e que se chama exatamente "Diversidade Cultural", e trata-se de uma seleção muito boa de imagens da diversidade. Você vai perceber que ao final da apresentação, todos nós deveríamos ficar muito satisfeitos com a imensa capacidade humana para a diversidade. Mas o que nós todos percebemos acontecendo em nosso cotidiano, é um rápido processo de homogeneização cultural, ou seja, toda a humanidade segue cada vez mais um mesmo padrão.

É muito importante como profissional, e, sobretudo como cidadão do mundo, que você tenha consciência que a diversidade cultural é tão importante para a humanidade, quanto a diversidade biológica é importante para a sustentabilidade do planeta.

O conceito envolvido na questão do etnocentrismo e do relativismo cultural hoje em dia é **inclusão**. A diversidade deve ser tratada como um direito de expressão, como um patrimônio humano, e não como fonte de intolerância entre povos e pessoas.

Há uma famosa frase de um cientista social português, nosso contemporâneo, que tem sido muito divulgada, e nos dá o sentido dessa discussão.

"As pessoas têm direito a serem iguais sempre que a diferença as tornar inferiores; contudo, têm também direito a serem diferentes sempre que a igualdade colocar em risco suas identidades." (SANTOS, 1997, pg. 122).

Essa frase resume toda a necessidade de discussão sobre diversidade cultural, ou seja, temos que ser tratados como iguais para não sermos inferiorizados, mas também temos o direito à diferença para não arriscar nossa identidade. É interessante você discutir essa frase com amigos, familiares, colegas de trabalho e poder trocar ideias a respeito.

A íntegra do texto citado acima está disponível para visualização em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura_dh.htm>.

6.2 Cultura e visão de mundo

A cultura humana, em sua diversidade, não se expressa apenas através de diferentes formas de vestuário, culinária, hábitos cotidianos e rituais. Pois é, sobretudo, através dos conceitos que aprendemos em nossa endoculturação que somos capazes de atribuir qualidades e significados à vida.

Endoculturação se refere aos processos de aprendizado dos valores e hábitos de nossa cultura, do lugar onde nascemos. Você se lembra do conceito de socialização, não é mesmo? A socialização nos capacita a sermos membros de uma sociedade, a nos comportar coletivamente. Já a endoculturação é um processo em que, alguns valores, ideias, hábitos e crenças de nossa cultura são tão internalizados por cada indivíduo, que se tornam quase inconscientes. Inconsciente, no contexto, significa que o indivíduo não percebe como algo foi aprendido, e esse aprendizado está tão inculcado que parece fazer parte de nossa natureza, ou personalidade.



Lembrete

Ao passarmos por processos de endoculturação, estamos nos tornando membros desta cultura, sendo aceitos como "iguais", por compartilharmos, em grande parte, a mesma visão de mundo. Não temos consciência de que certas condutas foram aprendidas, por isso, passam a nos parecer naturais, pertencentes de nossa própria vontade e de nossos próprios impulsos.

A antropóloga Ruth Benedict é autora de uma frase muito explicativa e poética para definir cultura. Ela afirma que cultura "são as lentes através das quais vemos o mundo".

Pois bem, em sua afirmação podemos compreender que entre o mundo que nos rodeia e seu intérprete (nossa mente) existem lentes, uma espécie de "filtro" que possibilita conceituar, qualificar e dar sentido a tudo que nossa mente apreende. Essa lente nunca é neutra, e a cultura a carrega com seus valores. Em cada uma delas, o ser humano interpreta de forma diferente o que vê, como entender fenômenos e situações, como julgar e conceituar tudo que acontece à sua volta, e até mesmo em sua própria mente.

O que se afirma é que não existe uma total objetividade na forma como o ser humano observa, apreende e conceitua o mundo. Existem, na verdade, métodos de conhecimento que podem chegar a uma maior objetividade, como a ciência ou a filosofia. Já o senso comum e as religiões não exigem

objetividade, pois são formas de conhecimento atravessadas por valores muito próprios, dos quais não podem abrir mão. No caso do senso comum, as afirmações são feitas sem qualquer pesquisa ou indagação; para as religiões, existem os princípios de fé em preceitos e dogmas que afirmam verdades sobre o mundo.

- **Visão de mundo e senso comum:** Quando conversamos sobre o mundo baseados no senso comum, afirmamos aquilo que nossa cultura nos ensina ser verdadeiro, pois tudo é visto através de suas lentes.
- **Visão de mundo e religião:** Quando conversamos sobre o mundo baseados em uma religião, afirmamos aquilo que nossa fé nos ensina ser verdadeiro.
- **Visão de mundo e ciência ou filosofia:** Quando conversamos sobre o mundo baseados na ciência ou na filosofia, precisamos aceitar certas verdades, mesmo que não sejam adequadas à nossa moral, aos nossos princípios religiosos ou preconceitos.

Cada cultura possui uma forma específica de ver o mundo. No México, por exemplo, o catolicismo tem uma forte influência sobre a cultura popular e um grande sincretismo⁹ com crenças astecas. Para a população desse país, o dia de finados, que na tradição católica é um dia de tristeza pela dor da perda, na cultura mexicana recebe o tratamento de uma festa alegre, com muita dança, música e culinária. É o chamado "dia dos mortos", cujas crenças afirmam que os antepassados adquirem vida e vêm visitar os lares de seus entes queridos. Por isso, eles "são recebidos" com muita alegria e fartura.

Para o povo havaiano, antes da colonização inglesa, as erupções vulcânicas eram explicadas como sendo uma forma de comunicação dos deuses com a tribo, e não como fenômeno da natureza.

Esses povos, e todos os outros com suas características marcantes, estão errados? Partindo da perspectiva de outras culturas, podemos afirmar que sim. Partindo da perspectiva de suas culturas, podemos afirmar que não. Pois visão de mundo é a forma como as pessoas interpretam o mundo de acordo com seus valores e reagem da forma adequada ao seu grupo social.

Existe a possibilidade de mudança nessas visões de mundo? Sim, a cultura é algo que está o tempo todo em transformação. Ao entrar em contato com outro povo, vários tipos de mudanças são possíveis, bem como o reforço de antigos valores culturais às vezes esquecidos ou "fora de moda".

Para uma parte dos antropólogos, quando uma cultura se modifica em função do contato com o "outro", seja em pequenos aspectos ou mesmo de forma avassaladora, podemos denominar **aculturação**. Isso acontece quando substituímos valores de nossa cultura original pelos valores de outras culturas. Este caso poderia ser aplicado ao exemplo acima do povo havaiano. Atualmente, após séculos de colonização inglesa e depois norte-americana, os havaianos já não explicam erupções como sendo "castigos dos

⁹ Sincretismo é um fenômeno cultural e designa um processo em que um povo mescla diferentes influências religiosas e crenças ou misticismos, apesar da não aceitação por parte dos representantes oficiais dessas instituições e grupos.

deuses". Os índios brasileiros também sofreram alterações comportamentais, pois foram obrigados a substituir as línguas nativas pelo português, e a nudez pelas roupas europeias. Esses seriam exemplos de aculturação. Entretanto, muitos antropólogos não concordam com essa perspectiva.

Aculturação significa, literalmente, negar a cultura; perder a cultura. O prefixo "a" é ausência, negação. Utilizado por muitos cientistas sociais para descrever fenômenos de perda de tradições, de referenciais próprios. Mas muitos antropólogos entendem que não existe cultura totalmente pura, isolada ou que não aproveite traços e se deixe influenciar por outras. Afirmamos sempre que a cultura é dinâmica. Pois bem, se formos pensar rigorosamente, qual cultura não seria jamais aculturada? Nenhuma cultura cria sozinha, a não ser por total e completo isolamento, todo o conhecimento e técnicas de mundo.

As expressões "troca cultural", "empréstimo cultural", "aculturação", "transculturação", "acomodação", "assimilação", "sincretismo" e outros termos correlatos foram muito utilizados pelos antropólogos norte-americanos, no sentido de que a cultura dominada adota características da cultura dominante. Estas categorias, usadas até os anos de 1960, depois caíram de moda quando se passou a refletir mais sobre o colonialismo e a dominação (FERRETTI, 2007).

Apesar desse debate, podemos recorrer corretamente ao conceito de aculturação para muitos fenômenos que pretendemos explicar. Por exemplo, a influência da televisão sobre os valores de sociedades tradicionais, como os moradores do campo e das pequenas comunidades rurais, que passam a pensar como os moradores dos grandes centros urbanos.

Isso seria uma forma de aculturação? Sim, pois esses valores não estão sendo mudados em função de uma dinâmica própria, ou de necessidades reais, mas de um contato que se impõe por meio de um instrumento (televisão) sobre as comunidades locais, que não escolhem temas, produzem programas ou se qualificam para administrar essas empresas de comunicação.

Você consegue levantar exemplos de aculturação, ou de assimilação em seu campo de atuação profissional? Não? Pois saiba que se trata de um fenômeno de relacionamento entre culturas diferentes, que atinge um grande espectro de profissionais atualmente.



Saiba mais

Para quem trabalha com gestão, ou administração, a questão da "cultura organizacional" pode ser um elemento de conflito e problemas em processos. Se você quiser fazer uma leitura complementar, tente este *link*:

OLIVEIRA, O. V.; FORTE, S. H. A. C. *Processo de aculturação em aquisições: estudo de caso de uma grande empresa do setor alimentício*. Artigo disponível em: <http://www.aedb.br/seget/artigos08/229_229_ArtigoCultura%5D.pdf>

Para quem atua no setor de educação, há um sem número de artigos publicados no portal "SciELO Brasil", que dá acesso a publicações científicas on-line. Você pode fazer uma busca sobre "educação indígena", ou simplesmente "educação multicultural".

Para quem atua na área de economia ou direito, há um artigo interessante de Denis Lerrer Rosenfield, intitulado *Aculturação e integração*, e que está disponível em: <<http://www.bloglawandeconomics.org/2009/03/aculturacao-e-integracao.html>>.

Quem se interessa pela questão social do negro no Brasil, há uma obra rara, e muito importante, de 1942, e disponibilizada digitalmente e na íntegra em um portal chamado Brasileira Eletrônica, de responsabilidade da UFRJ, na página: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/110/A-aculturacao-negra-no-Brasil>>.

Aliás, para você que atua na área de viagens e turismo, ou direito, ou economia, ou mesmo relações internacionais há nesse portal acima obras de interesse histórico. Vale a pena conferir os títulos em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao>>.

Os indivíduos se relacionam e interagem socialmente a partir de valores e hábitos culturais. Portanto, quando pessoas de culturas diferentes interagem, é correto afirmar que as culturas estão se relacionando. Leia o texto abaixo de Mércio P. Gomes.

Aqui chegamos ao importante tema do relacionamento entre culturas. Podemos dizer, com um pouco de licença poética, que as culturas se relacionam umas com as outras. Por exemplo, a cultura brasileira se relaciona com a cultura norte-americana ou com as culturas indígenas. É certo que são os indivíduos que se relacionam uns com os outros; mas ao fazerem, ao lado de trocarem bens e produtos, transmitem e recebem valores, ideias, pensamentos, modos de comportamento que são absorvidos, isto é, "emprestados", de propósito ou até inconscientemente (...) (GOMES, 2009).

Para aprofundar as questões levantadas pelo contato entre as diferentes culturas, e a interferência da visão de mundo de um povo, você pode ler o capítulo "A cultura condiciona a visão de mundo do homem", no livro *Cultura: um conceito antropológico*, de Roque de Barros Laraia, citado na bibliografia.

Síntese

A diversidade cultural expressa a infinita capacidade humana em produzir diferentes visões de mundo. Não existem culturas atrasadas ou avançadas, mas, sim, uma multiplicidade de soluções para a vida humana. Somos seres endoculturados e nossa visão de mundo equivale grandemente aos valores

de nossa própria cultura. Podemos reagir ao contato com o "outro" etnocentricamente ou a partir do relativismo cultural. O etnocentrismo revela a incapacidade de se colocar no lugar do outro, por julgá-lo preconceituosamente como inferior. Quando nos colocamos no lugar do outro, é estabelecido o que se denomina relação de alteridade. O relativismo cultural e a postura de alteridade agregam valores ao ser humano, e o torna mais flexível ao debate, à convivência e a um tratamento mais justo em relação à diferença.



Saiba mais

Conceitos básicos da antropologia e da sociologia: <<http://universia.com.br/mit/21/21A219/PDF/hobasicconcepts.pdf>>

7 DIFERENTES CULTURAS, CARACTERÍSTICAS HUMANAS UNIVERSAIS

Objetivo

Diferenciar o que é universal no comportamento humano e o que é particular.

Introdução

O ser humano produz diversidade cultural. Você pode aprender como é importante constatar essa diversidade e se habilitar a lidar com ela em situações de contato com a diferença.

Entretanto, o ser humano não é apenas diverso. Somos uma espécie que compartilha características que nos assemelham, nos tornando iguais e não diferentes. Por isso este item trabalha os conceitos de "características universais".

Características universais são aquelas que não se alteram em função do contexto ou condição momentânea. Características particulares são aquelas que encontramos apenas em determinados contextos, seja de um lugar para outro, seja de uma época para outra.

As culturas humanas são, sem sombra de dúvida, plenas em particularidades. Mas dar atenção ao que é universalizado em nossa espécie também é fundamental.

Principais conceitos

Simbolização, estruturalismo, pesquisa de campo, diversidade cultural.

Diversidade cultural, relações humanas

A humanidade sempre conviveu, se espantou e reagiu à diversidade cultural. Temos registros de povos muito antigos curiosos por solucionar dilemas, como: "teria existido um dia uma língua

universal?", "existe uma cultura primeira, que deu início a todas as outras?", "por que os outros povos não acreditam no meu Deus?" etc. Na verdade, esses dilemas demonstram, em alguns casos, etnocentrismo, em outros espanto ou indignação, e fazem parte da eterna inquietação humana por responder a tudo. Para a antropologia, esses dilemas apresentam questões equivocadas, pois todas pretendem chegar a uma cultura primordial, perfeita ou que explique que os povos que não a seguiram são inferiores ou errados.

Para as ciências sociais, o ser humano é um animal cultural, ou seja, jamais será capaz de viver em sociedade sem produzir símbolos, interpretar ao seu modo o mundo que o rodeia, e, assim, produzir uma cultura original. Se vivemos em uma tribo ou em uma grande metrópole como São Paulo ou Nova York, somos o mesmo ser humano e o que muda é a forma exterior da cultura que nos rodeia.

Vamos mudar nossa lógica anterior, que era a de evidenciar a diversidade cultural, e vamos olhar para os recursos e as capacidades humanas que produzem essa diversidade. Em certas culturas, os indivíduos adoram a alguém ou a algo, que podem chamar de "Alá" ou de "Deus", em outras, ainda, não existe um único deus, mas vários deuses. Bem, independentemente do nome e da forma como ritualizamos essa fé, o que leva o ser humano a fixar um nome ou um ritual é a nossa capacidade, totalmente idêntica para todas as culturas, de ter crenças. Assim, independentemente da forma desenvolvida, somos seres dotados da capacidade de acreditar em coisas que transcendem, que vão para além da matéria.

Outro exemplo: em certas culturas o trabalho agrícola é uma tarefa feminina, e em outras, masculina. Independentemente da forma como cada cultura o faz, temos uma mesma capacidade, a de dividir socialmente as tarefas.

Seguindo com nossos exemplos, podemos afirmar que nas tribos não existe a noção de mercado, que é uma forma de organizar as trocas materiais, com objetivo de lucro para quem oferece a mercadoria ou o serviço. O que eles possuem são as trocas baseadas em "escambo", no qual inexiste a moeda, e ambas as partes oferecem algo que consideram de comum acordo, ou seja, equivalentes. Independentemente da forma como é realizada existe nossa capacidade de avaliar trocas.

Apesar de você achar que isso não existe mais, o escambo ainda é uma forma de troca realizada em muitas partes do mundo, e em muitos lugares a moeda é algo raro e ausente das relações sociais.

Os indivíduos que vivem em grandes cidades têm à sua disposição uma grande quantidade de meios de comunicação, mas desconhecem realidades sociais que não fazem parte do que chamamos "modernidade". De fato, o que nos dá a sensação de que o mundo inteiro vive da mesma forma como nós vivemos é o etnocentrismo. Ele nos joga numa forma de isolamento de realidades alheias à nossa própria, e nos faz julgar como "atrasados" os povos que ainda não aderiram totalmente à nossa forma de vida social.

Não é incomum encontrarmos termos como "povos esquecidos", ou "povos primitivos" para nos referirmos àquelas sociedades que ainda vivem de forma tradicional, sem os valores e recursos da vida moderna.



Saiba mais

Para você ter contato com manifestações de culturas tradicionais, faça uma busca no portal de vídeos "Youtube" com termos como "cultura tradicional". Entretanto, há um material muito farto para a busca em termos com a língua inglesa. Como muitas gravações não necessitam tradução, tente inserir no campo de busca termos como "traditional culture".

Sugiro por exemplo, uma série de gravações com uma etnia da África, o povo "Maasai", que vai colocar você em contato com um ambiente natural bem diferente do nosso, vestuário, expressão vocal, tudo enfim, de uma grande riqueza. São canções tradicionais entoadas em vários clipes.

Para você conhecer a diversidade cultural e as culturas tradicionais no Brasil, ou seja, a vida dos povos indígenas, há um excelente *link*, de um projeto chamado "Video nas Aldeias". Faça uma pesquisa em:

<<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/index.php>>

Apesar de vivermos de formas muito diferentes de um lugar para o outro, temos as mesmas necessidades, enquanto seres da mesma espécie. Nos organizamos coletivamente, criamos instituições capazes de resolver certos problemas, dividimos socialmente as tarefas, criamos grupos de apoio e de exercício de nossas habilidades sociais, defendemos nossa cultura, educamos as novas gerações de acordo com nossos valores, ritualizamos nossas crenças e ouvimos os nossos chefes. Não existe sociedade perfeita. Em todas elas encontramos algum tipo de decisão que gera problemas, e aprendemos que nem sempre solução significa que tudo está resolvido.



Lembrete

Há elementos particulares às culturas humanas, mas também temos muitas coisas em comum, que são os elementos **universais** da humanidade.

Das tribos às metrópoles, o que muda é a quantidade de terra asfaltada e a quantidade de especialistas possíveis para resolver uma única questão, mas os princípios de organização são os mesmos. Lévi-Strauss, um grande antropólogo francês, comparou a diversidade cultural a um caleidoscópio. Nele, temos sempre uma mesma quantidade e cores de pedrinhas, mas a cada vez que viramos o caleidoscópio, o que vemos no fundo é um arranjo completamente original de cores e formas, como se tudo tivesse sido trocado, mas não foi.

O mesmo acontece com o ser humano. Somos dotados das mesmas necessidades e capacidades, mas produzimos arranjos sociais bem originais e diferentes entre si. Essa perspectiva explicativa criada por Lévi-Strauss é conhecida como **estruturalismo**. Compartilhamos uma estrutura mental que é universal, entretanto nos expressamos de formas diferentes.

Para Lévi-Strauss, essa estrutura mental comum a toda a humanidade explica o fato de ser possível encontrar elementos e traços de uma cultura semelhantes ou, até mesmo, idênticos a outras tão distantes; o que nos abriga a descartar a influência como forma de "imitação" entre elas.

Ele explica que a diversidade cultural é apenas a aparência, uma forma de expressão diferente, de uma estrutura mental que é universal à nossa espécie. Assim, os rituais, os hábitos e as línguas são apenas uma forma diferente de expressar as categorias mentais do homem. Essas categorias estão "ocultas", não sendo perceptíveis, mas podem ser percebidas por meio da pesquisa comparativa entre as culturas que demonstre uma espécie de "lógica" única, uma ferramenta humana de estar no mundo.

7.1 A pesquisa de campo produz o conhecimento antropológico

Todo o conhecimento antropológico e as novas formas de conceituar a diversidade cultural, que extrapolam imensamente o senso comum e a forma como nos relacionamos com as diferenças culturais, resultam de uma sistemática metodologia de pesquisa.

Para descrever, compreender e conceituar todo o universo cultural humano, os pesquisadores desenvolveram o que chamamos "pesquisa de campo", ou "pesquisa de observação participante". Basicamente, o pesquisador permanece durante um longo período de tempo convivendo com a cultura que deseja conhecer, abandonando sua mera condição de "observador alheio". O antropólogo faz um mergulho profundo na visão de mundo e no cotidiano do "outro". Quem criou os mecanismos desse tipo de pesquisa foi B. Malinowski¹⁰. Isso possibilita uma mudança profunda na forma de interpretar o mundo por parte do pesquisador, pois ele deixa de ver o mundo com suas lentes anteriores, e passa a ver o mundo através da perspectiva do outro. Ele se coloca no lugar do outro.

A observação participante é uma das técnicas muito utilizadas pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação (QUEIROZ, 2007).

¹⁰ Segundo a enciclopédia eletrônica Wikipedia: "Bronisław Kasper Malinowski (Cracóvia, 7 de Abril de 1884 – New Haven, 16 de Maio de 1942) foi um antropólogo polaco. Ele é considerado um dos fundadores da antropologia social. Fundou a escola funcionalista. A principal contribuição de Malinowski para a antropologia foi o desenvolvimento de um novo método de investigação de campo, cuja origem remonta à sua intensa experiência de pesquisa na Austrália, inicialmente com o povo Mailu (1915) e posteriormente com os nativos das Ilhas Trobriand (1915-1916, 1917-1918)."

Após esse período de permanência em um universo completamente estranho, o pesquisador se retira e coloca em avaliação tudo que conseguiu registrar daquela cultura por meio de anotações, fotos, filmes, entrevistas, memórias, que normalmente se concentram no que chamamos "caderno de campo".

Então, não mais "contaminado" pela perspectiva alheia, mas capaz de refletir sobre ela de forma mais imparcial, o pesquisador apresenta ao leitor uma nova forma de interpretar essa cultura, baseada nos princípios científicos de objetividade e experimentação.

Esse tipo de pesquisa é que apontou as falhas do etnocentrismo, e criou o relativismo cultural. A proposta do relativismo é, basicamente, uma nova atitude de relação cultural com a diferença. Indo para além das estatísticas e mergulhando nas razões mais profundas do comportamento do outro, passamos a ter uma nova compreensão sobre a diversidade cultural.

Dentro da ciência antropológica, o relativismo teve um grande impulso durante o século XX, sendo também bastante criticado e debatido. Isso aconteceu porque:

...em 1947, um grupo de antropólogos, liderados por Herskovits, é convidado pela ONU para escrever o relatório preparatório à carta dos Direitos Humanos. (...) Seus autores se debatem entre a afirmação dos direitos universais e o horizonte relativista dos valores (ORTIZ, 2010).

Os postulados no documento redigido davam margens para concluir que, de acordo com a antropologia, não seria possível estabelecer conceitos legais que tivessem validade universal, uma vez que tudo era relativo e particular.

Isso simplesmente invalidaria a Declaração Universal dos Direitos Humanos, e colocava os antropólogos que defendessem radicalmente o relativismo em uma fronteira moral complicada. Não se poderia julgar o nazismo ou mesmo o infanticídio e a mutilação sexual das mulheres em nome do respeito à diversidade.

Não é a totalidade dos antropólogos que defende o relativismo interpretado dessa forma. "O relativismo cultural possui um mérito, ele inocula no pensamento uma sensibilidade pelo diverso. Isso não é pouco." (*idem*)

Ainda comentando os méritos do relativismo cultural, o autor Ortiz enfatiza que é necessário "percebermos que o particular é sempre tensionado pelo contexto no qual se insere", e que no contexto atual "os direitos humanos não são universais, mas pertencem ao destino comum no âmbito da modernidade-mundo"¹¹ (*idem*). Ou seja, mesmo que certos países não reconheçam alguns direitos humanos, há um clima crescente de pressão mundial para dialogar e interferir em casos considerados como atentados aos direitos humanos.

¹¹ Para Renato Ortiz, o termo "modernidade-mundo" é equivalente ao que todos conhecem por "globalização". Mas em sua teoria ele defende que globalização é um termo inadequado para se referir aos fenômenos de inter-relação entre todos os países atualmente, preferindo a ideia de mundialização.

É o caso de uma mulher iraniana chamada Sakineh Ashtiani. Leia a reportagem reproduzida abaixo.

Sakineh Ashtiani será executada na quarta-feira no Irã, diz ONG

O caso de Sakineh, de 43 anos, atraiu a atenção do mundo inteiro, em uma campanha que mobilizou inúmeros governos e entidades humanitárias. Considerada culpada de adultério pela Justiça iraniana, ela foi condenada à morte por apedrejamento, mas a pena acabou sendo suspensa no início de setembro.

No final do mês passado, autoridades locais anunciaram o castigo de enforcamento como punição pela participação na morte do marido. A medida foi logo retificada pela Chancelaria do Irã, a qual afirmou que as formalidades legais do processo ainda não estavam concluídas.

Entre os que tentaram intervir estiveram o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que pediu a libertação de Sakineh e ofereceu-lhe asilo. Em resposta, o governo de Mahmoud Ahmadinejad afirmou que o brasileiro estava "desinformado" sobre o caso.

No dia 5, Sajjad informou ter pedido a interferência do papa Bento 16 a favor de sua mãe e solicitou asilo político à Itália. Na ocasião, o jovem afirmou que ele e a irmã, Sahideh, temiam ser presos em seu país, e que Kian também corria esse risco. (SAKINEH ASHTIANI SERÁ..., 02 nov. 2010).

Independentemente desse debate em torno dos usos do relativismo cultural, a pesquisa desenvolvida pelos antropólogos tem resultado em um conhecimento cada vez mais profundo de todas as culturas do mundo. Atualmente, compreendemos melhor como podemos promover um contato mais equilibrado entre as diferentes nações.

Sabemos que, hoje em dia, a pesquisa antropológica é utilizada inclusive como recurso de exploração de nichos de mercado, para lançamento de novos produtos ou mudança de imagem institucional. Conhecendo a forma como o outro vê o mundo, é possível lhe apresentar soluções muito mais bem aceitas e adequadas aos seus padrões e valores.

Síntese

A questão sobre o que é universal e o que é particular no ser humano suscita curiosidade desde os primeiros pensadores das civilizações humanas. Apesar de afirmar o caráter da imensa diversidade cultural humana, a antropologia realça a existência de estruturas que nos fazem iguais.

A seguir, você pode ler algumas frases em artigos científicos de diferentes áreas do conhecimento humano, nas quais a preocupação em lidar com a diversidade cultural está presente:

O conceito de diversidade está relacionado ao respeito à individualidade dos empregados e ao reconhecimento desta; gerenciar a diversidade implica o desenvolvimento das competências necessárias ao crescimento e sucesso do negócio (FLEURY, 2000).

Reconhecer que a sociedade brasileira é multicultural significa compreender a diversidade étnica e cultural dos diferentes grupos sociais que a compõem. Entretanto, significa também constatar as desigualdades no acesso a bens econômicos e culturais por parte dos diferentes grupos, em que determinantes de classe social, raça, gênero e diversidade cultural atuam de forma marcante (CANEN, 2001).

A cultura brasileira é o resultado de misturas entre os diferentes povos que para o Brasil vieram, de forma espontânea ou não, e aqui se estabeleceram, escolhendo-o como o seu lugar de viver. Fica claro o quanto é importante e pertinente que o Brasil mostre ao mundo a sua diversidade cultural como atrativo de visitação turística (DIAS; BORDA, 2005).

As organizações do futuro, mais que as atuais, irão operar em um ambiente de negócio incerto, complexo e altamente competitivo. As organizações cada vez mais trabalharão com equipes heterogêneas em termos de raça, etnia, gênero e outros grupos culturalmente diversos. (HANASHIRO; CARVALHO, 2005).



Saiba mais

Sugestão de leitura complementar

ORTIZ, R. Sobre o relativismo cultural. *Revista Alambre*, n. 2, março de 2009. Disponível em <<http://www.revistaalambre.com/Articulos/Articuloprint.asp?Id=33>>, acesso em 05 de novembro de 2010.

ROCHA, E. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

8 QUEM SOMOS, QUEM SÃO ELES: ADMIRAÇÃO E PRECONCEITO NA ALDEIA GLOBAL

Objetivos

Conhecer as características das culturas atuais, considerando as novas tecnologias e os meios de comunicação interativos. Refletir sobre as novas formas de construção de identidades culturais que passam pelo mundo real-presencial e também pelo mundo virtual.

Introdução

Com o imenso desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte, as culturas humanas se aproximaram como nunca na história da humanidade.

Esse contato com a diferença trouxe importantes questões que afetaram a política, o mundo dos negócios, o desenvolvimento de valores, a totalidade das culturas humanas etc.

Com a proximidade entre as diferentes culturas, pode-se notar uma reação das pessoas, que oscila entre as atitudes de admiração em relação aos outros ou de preconceito.

Neste item será desenvolvida a reflexão sobre como a globalização afeta o processo de identidade cultural de todos nós.

Principais conceitos:

Globalização, inclusão, exclusão, identidade cultural, desenraizamento, tradição.



Saiba mais

Sugestão de bibliografia básica:

SANTOS, R. J. Tão diferentes, tão tribais: somos todos tão iguais. In: *Antropologia para quem não vai ser antropólogo*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

8.1 Globalização e diversidade cultural

A globalização é um fenômeno que coloca em contato constante um número cada vez maior de povos e pessoas do mundo todo. Para a globalização, contribuíram de forma decisiva a intensificação de atividades como o comércio exterior, a transnacionalização das grandes indústrias e empresas, o turismo, a valorização de serviços como a gastronomia, a disseminação dos meios de comunicação de massa, ou, ainda, a valorização da escola como forma de educação no mundo todo.

Os grandes avanços nos meios de transporte e comunicação tiveram um papel fundamental para permitir ampliar imensamente as fronteiras comerciais entre os países, bem como estreitar suas relações culturais e políticas.

A consequência direta da intensificação de tais atividades foi colocar em contato cada vez mais direto culturas que antes viviam relativamente isoladas. Por causa do aumento da circulação de bens e de pessoas, aumentou também a circulação de informações, ideias e conceitos entre povos do mundo inteiro.

Portanto, a chamada globalização é um fenômeno que inclui aspectos econômicos, tecnológicos, culturais e políticos.

Entretanto, sabemos que essa circulação intensa de bens e ideias acaba impondo certo modelo de cultura que é considerada "melhor" e "mais avançada", em detrimento de outras consideradas "exóticas", "atrasadas" ou "piores". Atualmente, a língua universal, não por acaso, é o inglês, e o que se globalizou, sendo encontrado em esquinas do mundo todo, foram as redes de sanduíches *fast food* de marcas como McDonald's, e não o famoso pão de queijo mineiro ou os tacos mexicanos. Portanto, sabemos que o país dominante economicamente, se torna dominante também culturalmente.

Os costumes da cultura norte-americana são extremamente mais divulgados e disseminados que os de qualquer outra, e tornou-se o modelo ou a referência a partir da qual todos os povos precisam se comparar, ou tentar se equivaler. Nisso não há nenhuma novidade, não é mesmo? O que há de novidade na globalização, quando falamos a respeito da diversidade cultural, é que agora, mais do que em qualquer outro momento histórico, temos a oportunidade de que pessoas comuns e costumes de culturas não dominantes, também sejam conhecidos globalmente. Hoje em dia, até mesmo os norte-americanos perceberam a importância de dar atenção a conceitos, métodos e técnicas de trabalho de países como o Japão, a Tailândia, a Índia ou a China. Procura-se na literatura especializada, tanto quanto na literatura tradicional desses povos, inspiração para planejar, solucionar, criar, relacionar ou reconstruir métodos e técnicas de trabalho, formas de nos relacionarmos uns com os outros, ou, ainda, estruturas mentais que possibilitem novas soluções pessoais/coletivas.

Para Octávio Ianni, a globalização que se acha em curso nesta altura da história apresenta características muito especiais, primeiro por ter a energia nuclear se tornado a mais poderosa técnica de guerra; segundo, pela excepcional capacidade de formar e informar, induzir e seduzir da revolução informática, base encontrada na microeletrônica; terceiro, pela organização de um sistema financeiro internacional, em conformidade com as exigências da economia capitalista mundial; quarto, pelo fato de as relações econômicas mundiais estarem amplamente influenciadas pelas exigências das empresas, corporações ou conglomerados multinacionais, transnacionais, mundiais, globais, planetários; quinto, pela reprodução ampliada do capital, recriando relações nos quatro cantos do mundo; sexto, pela transformação do inglês na língua universal, por meio da qual se articulam e expressam indivíduos, grupos e classes, em suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais e, sétimo, pela resposta do capital à crise (ALVES, 2005).

Ao mesmo tempo em que admiramos e tomamos como exemplo certas condutas culturais "novas" para a maioria de nós, e que sempre foram tradição para outros povos, temos um conflito, pois também temos preconceito e não sabemos como enfrentar o diferente. É comum os alunos indagarem, "mas o que é que podemos aprender, por exemplo, com os índios?", pois ainda pensam as culturas de forma etnocêntrica, considerando os povos indígenas como "primitivos", povos que "não têm nada".

A resposta da antropologia é simples. Essas são sociedades onde há hierarquia e divisão de tarefas, mas onde não há desigualdade social. Vamos explicar melhor isso? As tribos são socialmente organizadas, e possuem figuras sociais como "pajé", "cacique" ou "guerreiro". Até aqui nenhuma novidade, não é? Entretanto, apesar dessa organização, não existe diferença econômica entre seus membros, eles formam o que denominamos de "sociedade planificada", onde todos estão em um mesmo plano de recursos econômicos. Portanto, não existem classes sociais. O cacique ocupa o mesmo tipo de moradia e dispõe da mesma quantidade de alimentos que qualquer indivíduo de seu grupo, portanto, o fato de ocupar uma função de influência e importância não lhe dá prerrogativas de maior conforto material, a não ser em ocasiões rituais.

Quando alguém exerce poder, não está, necessariamente, criando uma superioridade de condição em relação aos dominados?

Pois bem, no caso das tribos, esse tipo de poder inexistente. As figuras de grande importância social, e que influenciam as tomadas de decisão do grupo, não são pessoas que desfrutam de privilégios materiais. Assim, o reconhecimento social da autoridade está baseado em coisas como a tradição, as habilidades pessoais demonstradas pelo indivíduo, a linhagem de seus ancestrais, ou, ainda, eventos místicos. As tribos não são sociedades perfeitas, mas o fato de se organizarem sem criar grandes diferenciações sociais gera um grupo no qual existe a total ausência de fenômenos como: criminalidade, prostituição, trabalho infantil, violência urbana; e onde são desnecessárias instituições como: asilos, abrigos de menores e moradores de rua, manicômios, prisões etc.

O que temos a aprender com os índios? Eles conseguiram produzir uma sociedade em que existe respeito, autoridade, liderança e organização, sem haver discriminação, autoritarismo, imposição e exclusão. O que se propõe, não é uma volta "à idade da pedra", mas que nossa sociedade possa tomar como exemplo não apenas o modelo de sucesso mercadológico americano, mas um pouco, também, do modelo de sucesso social de nossos índios. Concluindo, o ser humano pode produzir uma sociedade mais justa, se conseguir por meio do debate, da exposição de conteúdos culturais cada vez mais diversificados e da reflexão coletiva, chegar às soluções menos etnocêntricas e mais originais. A globalização pode nos oferecer ferramentas para esse tipo de conduta. Os povos tradicionais da América Latina, da África, da Ásia e da Europa têm muito mais a oferecer à humanidade do que pratos exóticos e danças admiráveis. Existe uma sabedoria acumulada por séculos e séculos de culturas que são ricas para todos nós.

Atualmente, muitas pessoas estão abertas a esse tipo de atitude. Muitas vezes começa com oportunidades de exploração de nichos de mercado, como oferecer uma culinária exótica ou espetáculos artísticos tradicionais. Mas isso pode ser aproveitado, também, de forma a sensibilizar as pessoas a desenvolverem atitudes que respeitem a diversidade cultural, que agucem a curiosidade de conhecimento dos outros povos, e que defenda a preservação dessa diversidade. Afinal, a cultura é algo que está o tempo todo em transformação.

Inclusão social deve ser um conceito não apenas de políticas que possibilitem educação, acesso às tecnologias e qualificação profissional para todos, mas, também, de políticas do mercado e das estratégias de consumo. Desenvolvimento de produtos baseados em tradições e necessidades locais,

valorização da estética e dos valores locais e aproveitamento dos recursos comunicativos locais são apenas alguns exemplos de como o mundo da produção, das organizações, da publicidade e do mercado podem promover inclusão e respeito à diversidade cultural.

8.2 Identidade cultural em tempos de globalização

Com o fenômeno da globalização, que coloca num ritmo acelerado de contato um grande número de culturas, podemos nos questionar a respeito do processo de construção das identidades culturais. Ainda existem identidades próprias, ou somos resultado de um grande e flexível mercado global?

Para começar essa reflexão, é interessante pontuar algumas características da globalização, cujos fenômenos culturais são denominados na antropologia de "pós-modernidade". Essa época está sendo caracterizada por um fenômeno original em relação às identidades culturais, pois até a modernidade, antes da globalização, as culturas eram mais enraizadas, faziam parte da história de um povo e de um lugar. Agora, em tempos de globalização e pós-modernidade, os símbolos de muitas culturas migram por meio do mercado, do turismo, da aceleração do contato mundial.



Observação

A globalização pode permitir a emergência de **novas formas de identificação coletiva**, as quais, por não mais se definirem em função de um pertencimento territorial, ou de uma tradição imemorial, mas em função de questões de relevância global, se subtraem às exigências de lealdade tradicional ou de atuação localizada.

(BURITY, J. A. *Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo*. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/textos%20online/ciencia%20politica/jburity02.pdf>>

O termo "desenraizamento" cultural significa falar de uma cultura, com seus hábitos, símbolos e identidades coletivas, que deixa de ter um único território e se "desenraiza" para levar suas influências para muitas outras culturas que participam do processo de globalização.

Portanto, hoje em dia, não é apenas a influência do "jeito de ser" americano que pode atingir pessoas do mundo inteiro com o cinema ou os produtos que vendem. Mesmo culturas antes desconhecidas têm seus símbolos e hábitos "migrando" por todo o mundo, porque estes estão desenraizados. Isso mudou nossa forma de julgar a diversidade cultural.

Vamos compreender melhor. Antes da globalização, as culturas rotuladas de "atrasadas" eram submetidas aos símbolos das culturas dominantes, na tentativa de incorporar uma identidade de "avançados", "evoluidos". Os "povos atrasados" tinham, necessariamente, que "imitar" ou seguir as culturas tidas como mais avançadas.

Assim, havia uma "mão única" de influência cultural. Era questão de *status* se parecer e se comportar como um europeu ou um norte-americano. Eles levavam seus símbolos e costumes para os países sob sua influência, e isso era considerado sinal de progresso, avanço e modernidade.

Agora, a diferença é que esse tipo de procedimento tem uma "mão dupla". Em tempos de pós-modernidade, os europeus e norte-americanos passam a utilizar símbolos e costumes de culturas tradicionais, sem que isso fosse considerado sinal de "atraso" ou "esquisitice".

Vamos pensar em alguns exemplos: a indumentária africana tradicional passou a ser valorizada como artigo "étnico" por grifes bem posicionadas no mercado. Os objetos de artesanato dos índios sul-americanos ou dos orientais passaram a ser disputados por decoradores e lojas voltadas a um público consumidor de alto poder aquisitivo em países da Europa e nos Estados Unidos. O hábito de comer peixe cru, o famoso *sushi*, passou a fazer parte do cotidiano de pessoas do mundo todo, bem como a culinária chinesa, que se tornou rede de *fast food*.

Antes da globalização, isto seria considerado sinal de mau gosto, esquisitice ou falta de adequação aos padrões "normais". A pós-modernidade trouxe a possibilidade da migração dos símbolos culturais, de sua utilização em novos e originais contextos, provocando seu **desenraizamento**.

Vamos comparar agora:

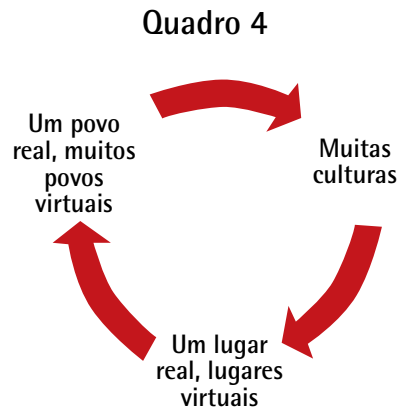
Até a modernidade, pré-globalização:



Características da identidade cultural:

- Baseada na tradição local, enraizamento.
- Os indivíduos possuem um único modelo de socialização-endoculturação.
- Transformações em ritmo lento, decorrente da valorização das tradições locais.
- A cultura se desenvolve em um território geograficamente delimitado, real.
- A cultura se desenvolve como resultado da interação de um povo.

Após a globalização – pós-modernidade:



Características da identidade cultural:

- Baseada na velocidade de transformação, desenraizamento.
- Os indivíduos possuem muitos modelos de socialização-endoculturação através dos meios de comunicação.
- Transformações em ritmo acelerado, decorrente da valorização das "novidades", ou seja, das mudanças.
- A cultura se desenvolve em dois tipos de territórios, o real, geograficamente delimitado, e o virtual, que é o mundo do consumo e das comunicações interativas como a Internet e os celulares.
- A cultura se desenvolve como resultado da interação de vários povos.
- Os indivíduos são produtos de muitas influências, como uma *bricolagem* (aqueles trabalhos manuais que utilizamos materiais procedentes de diferentes recursos para compor uma coisa original).

Em tempos de globalização, todos os lugares estão se comunicando culturalmente e mutuamente, e os símbolos culturais flutuam livremente em lugares virtuais, como o mercado e os objetos de consumo e as comunicações virtuais não presenciais e interativas.

Em função disso, podemos observar alguns fenômenos, com, por exemplo, os símbolos. Antes da pós-modernidade, apenas as pessoas que tivessem uma motocicleta Harley Davidson se interessavam em utilizar essa logomarca ou toda a estética de motociclista que foi culturalmente construída em torno desse produto. Atualmente, essa marca se transformou em símbolo de liberdade e forma de expressão, sendo incorporada e utilizada por pessoas que, sequer, possuem uma motocicleta, e, muito menos, uma Harley. A estética do motociclista, ou suas partes, estão presentes em vários grupos e podem ser usados apenas como recurso visual.

O mesmo ocorre com os automóveis que antes eram meramente utilitários, os chamados *off road*. Desenvolvidos inicialmente para servirem as tarefas do campo ou os militares, foram, a princípio, incorporados por esportistas. Em tempos de globalização, pessoas que sequer se interessam em dirigir em estradas de terra, e, muito menos, são esportistas, militares ou trabalhadores do campo, consomem avidamente esses veículos para expressar *status*, identidade ou, simplesmente, para se sentirem "diferentes".

Você pode perceber como símbolos e coisas se unem? Um não existe sem o outro. Estamos vivendo, atualmente, fenômenos que ainda prometem uma infinidade de manifestações culturais em função do desenraizamento simbólico.

Você já ouviu falar em "tribos urbanas"? Esse é um fenômeno bem associado à globalização, e que permite que os símbolos de muitas culturas se misturem, e isso acaba gerando esse tipo de expressão cultural. É sobretudo uma cultura presente em grandes cidades, onde as pessoas estão mais expostas às mensagens dos veículos de comunicação de massa, como cinema, televisão e Internet.

Esses grupos urbanos, são chamados de "tribos", pois todos, mesmo os que não pertencem a esse ou aquele grupo, conseguem reconhecer que há uma identidade entre os indivíduos. Vestuário, linguagem, lugares que concentram sua frequência, tudo que pode ser usado como recurso de identificar um grupo especial dentro de nossa cultura.

Grupos religiosos ou políticos não podem ser consideradas "tribos urbanas", pois seu caráter de agregação, de solidariedade, enfim, o que os mantém unidos e como uma comunidade não os caracteriza como um grupo que quer "ser diferente" por ter uma "identidade própria". Os grupos políticos e religiosos não usam recursos simbólicos como vestuário e linguagem para serem percebidos e se destacarem "da massa", mas antes porque defendem uma tradição e/ou ideologias.

Abaixo você poderá analisar imagens que nos mostram como o mundo se transformou numa "aldeia global", e mesmo muito distantes fisicamente, somos todos submetidos diariamente ao contato com o que é local em outro lugar. Ou seja, imagens de um multiculturalismo que se torna cada vez mais presente em nossas vidas.



Figura 22 – Moda masculina urbana.



Figura 23 – O repórter e explorador Jacek Palkiewicz com criança yanomami.



Figura 24 – Punk com penteado e vestuário.



Figura 25 – Mulher Kayan com argolas no pescoço, Tailândia.



Figura 26 – Menina da comunidade Miao, China. Entre esse povo, o cabelo feminino é deixado de herança pelas avós e mães, e a estética tradicional exige que muitos metros de cabelos sejam cuidadosamente enrolados para a beleza feminina.



Figura 27 – Jovem japonês com cabelo de "surfista".

Muitos autores veem no desenraizamento cultural uma ameaça às certezas humanas, que antes tinham seus territórios onde fincavam suas raízes.

A importação de modelos globais, em todas as dimensões da vida humana, pulveriza a dimensão simbólica de forma violenta, transformando os modos de produção, os hábitos, os valores etc., promovendo um desenraizamento cultural, gerando um mundo de incertezas e de riscos produzidos, o qual se desdobra na perda da liberdade e da identidade humana (ANDRADE, BOSI, 2003).

Podemos dizer que na pós-modernidade as tradições sumiram? Não, elas se transformaram em espetáculos de mídia e turísticos, e muitas foram revividas e retomadas após um longo abandono e falta de valorização. Atualmente, as tradições são mais respeitadas, pois já não significam "coisa de gente atrasada". Ao mesmo tempo, os símbolos, que antes eram apenas tradicionais, estão migrando por todas as partes, perdendo seu significado original. A antropologia, como ciência, não se preocupa em julgar se isto é "bom" ou "ruim". Cabe, sim, uma reflexão sobre o novo papel da cultura em nossas vidas como cidadãos, profissionais e pessoas comuns.

Comentando a questão da importância da diversidade cultural e o relativismo em tempos de globalização (nota-se que o autor usa o termo mundialização), Renato Ortiz defende que:

Dizer que as culturas são um "patrimônio da humanidade" significa considerar a diversidade enquanto valor universal. Todos devemos

cultivá-la e respeitá-la. A crítica ao etnocentrismo, assimilada, na maioria das vezes, à dominação ocidental, somente pode ser validada quando se manifesta como algo que transcende a província de cada cultura, de cada identidade. É isso que nos permite dizer: "as culturas minoritárias correm o risco de desaparecer, por isso, necessitamos preservá-las"; "as culturas precisam ser consideradas nos contextos aos quais elas pertencem"; "precisamos valorizar todas as facetas da memória coletiva da humanidade"; "o respeito a todas as culturas é um direito de reconhecimento à diferença". Há nessa operação semântica uma redefinição do que seria impensável nos marcos anteriores: o diverso torna-se um bem comum (ORTIZ, 2007).

Síntese

A globalização tem como um dos resultados mais importantes a intensa aproximação entre as diferentes culturas do mundo.

Essa aproximação afeta a todos, tanto países mais desenvolvidos e dominantes desse processo, quanto países mais frágeis que precisam se adaptar à nova ordem mundial.

A intensificação desse contato tem promovido a necessidade de uma compreensão sobre a diversidade menos baseada em preconceitos e no etnocentrismo, e mais amadurecida e aberta às novas soluções.

Surgem novas formas de identidade cultural, que são fortemente influenciadas pela diversidade e que exigem uma mentalidade baseada em novos valores mais inclusivos e democráticos.

Em nosso cotidiano, seja no âmbito doméstico, como no mundo do trabalho, das relações de amizade, na educação ou, ainda, na produção de conhecimento, o tema da diversidade e das novas formas de relacionamento estão em pauta.



Saiba mais

TESSAROTTO, T. de O. Novos horizontes antropológicos: indivíduo, cultura e globalização. *CAOS, Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, nº 07, set. 2004. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/thaisoliveira.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2011.



Exercícios

Questão 1. (ENADE 2006)



Jornal do Brasil, 3 ago. 2005.

Tendo em vista a construção da ideia de nação no Brasil, o argumento da personagem expressa:

- A) A afirmação da identidade regional.
- B) A fragilização do multiculturalismo global.
- C) O ressurgimento do fundamentalismo local.
- D) O esfacelamento da unidade do território nacional.
- E) O fortalecimento do separatismo estadual.

Resposta correta: alternativa A.

Análise das alternativas

- A) Alternativa correta.

Justificativa: a alternativa é correta, pois aborda um dos conceitos centrais dos estudos de cultura em antropologia: identidade que se relaciona aos elementos comuns aos indivíduos de um determinado grupo social.

- B) Alternativa incorreta.

Justificativa: a alternativa não pode ser considerada correta porque a questão não aborda nenhum aspecto do multiculturalismo global, mas da identidade de uma região brasileira.

C) Alternativa incorreta.

Justificativa: a alternativa não pode ser considerada correta porque o fundamentalismo é um aspecto das culturas tradicionais ligadas a rígidos valores religiosos.

D) Alternativa incorreta.

Justificativa: a alternativa não pode ser considerada correta, pois a questão não aborda aspectos ligados a discussão de territórios nacionais.

E) Alternativa incorreta.

Justificativa: a alternativa não pode ser considerada correta, pois a questão não aborda aspectos ligados a discussão de movimentos separatistas estaduais, ou seja, a reivindicação de um estado se tornar independente politicamente do país ao qual pertence.

Questão 2. (ENADE 2005) As ações terroristas cada vez mais se propagam pelo mundo, havendo ataques em várias cidades, em todos os continentes.

Nesse contexto, analise a seguinte notícia:

No dia 10 de março de 2005, o Presidente de Governo da Espanha José Luis Rodríguez Zapatero em conferência sobre o terrorismo, ocorrida em Madri para lembrar os atentados do dia 11 de março de 2004, "assinalou que os espanhóis encheram as ruas em sinal de dor e solidariedade e dois dias depois encheram as urnas, mostrando assim o único caminho para derrotar o terrorismo: a democracia. Também proclamou que não existe alibi para o assassinato indiscriminado. Zapatero afirmou que não há política, nem ideologia, resistência ou luta no terror, só há o vazio da futilidade, a infâmia e a barbárie. Também defendeu a comunidade islâmica, lembrando que não se deve vincular esse fenômeno com nenhuma civilização, cultura ou religião. Por esse motivo apostou na criação pelas Nações Unidas de uma aliança de civilizações para que não se continue ignorando a pobreza extrema, a exclusão social ou os Estados falidos, que constituem, segundo ele, um terreno fértil para o terrorismo".

A principal razão, indicada pelo governante espanhol, para que haja tais iniciativas do terror está explicitada na seguinte afirmação:

A) O desejo de vingança desencadeia atos de barbárie dos terroristas.

B) A democracia permite que as organizações terroristas se desenvolvam.

C) A desigualdade social existente em alguns países alimenta o terrorismo.

D) O choque de civilizações aprofunda os abismos culturais entre os países.

E) A intolerância gera medo e insegurança criando condições para o terrorismo.

Resolução desta questão na Plataforma.

FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1

COSTUMES_SAAMI.JPG. Largura: 228 pixels. Altura: 312 pixels. Tamanho: 25,67KB (26.291 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Costumes_Saami.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 2

SAAMI FAMILY 1900.JPG. Largura: 800 pixels. Altura: 588 pixels. Tamanho: 107,92KB (110.515 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Saami_Family_1900.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 3

ESKIMO FAMILY NGM-V31-P564.JPG. Largura: 800 pixels. Altura: 501 pixels. Tamanho: 100,33KB (102.742 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Eskimo_Family_NGM-v31-p564.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 4

IGLOO OUTSIDE.JPG. Largura: 400 pixels. Altura: 348 pixels. Tamanho: 61,72KB (63.199 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igloo_outside.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 5

APE AND HUMAN EVOLUTION TREE.JPG. Largura: 655 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 32,03KB (32.795 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ape_and_Human_Evolution_Tree.JPG>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 6

INDIOS MUNDURUKU.JPG. Largura: 686 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 107,63KB (110.214 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Indios_munduruku.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 7

ÍNDIOS.JPG. Largura: 266 pixels. Altura: 346 pixels. Tamanho: 40,97KB (41.954 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Índios.jpg>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 8

ALTO ORINOCO5.JPG. Largura: 800 pixels. Altura: 533 pixels. Tamanho: 78,69KB (80.582 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alto_orinoco5.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 9

ELK FOOT OF THE TAOS TRIBE.JPG. Largura: 263 pixels. Altura: 598 pixels. Tamanho: 36,11KB (36.973 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Elk_Foot_of_the_Taos_tribe.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 10

AMERIKANSKA FOLK, NORDISK FAMILJEBOK.JPG. Largura: 780 pixels. Altura: 599 pixels. Tamanho: 154,81KB (158.524 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Amerikanska_folk,_Nordisk_familjebok.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 11

2006-10-18DAHLIA03M.JPG. Largura: 2.848 pixels. Altura: 2.136 pixels. Tamanho: 383 KB Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:2006-10-18Dahlia03m.jpg>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 12

22308788V1_150X150_FRONT.JPG. Largura: 148 pixels. Altura: 148 pixels. Tamanho: 383 KB. Disponível em: <http://images.cafepress.com/product/22308788v1_150x150_Front.jpg>. Acesso em: 30 abr. 2011.

Figura 13

ARTE09_TH.JPG. Largura: 127 pixels. Altura: 168 pixels. Tamanho: 19,4 KB. Disponível em: <http://images.clix.pt/canais/postais/thumbs/arte09_th.jpg>. Acesso em: 30 abr. 2011.

Figura 14

VIKING SWORDS CLOSEUP.JPG. Largura: 689 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 71,89KB (73.619 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Viking_swords_closeup.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 15

CONSUL ET LICTORES.JPG. Largura: 400 pixels. Altura: 380 pixels. Tamanho: 57,35KB (58.726 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Consul_et_lictores.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 16

RAJASTHANI CLOTHES.JPG. Largura: 800 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 204,22KB (209.126 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rajasthani_clothes.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 17

KETCHICAN TOTEM POLE 2 STUB.JPG. Largura: 550 pixels. Altura: 550 pixels. Tamanho: 80,62KB (82.557 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ketchican_totem_pole_2_stub.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 18

ARTESANÍAS INDÍGENAS EN WERREGUE, JARDÍN BOTÁNICO LA MANIGUA BY PILAR QUINTANA.JPG. Largura: 800 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 123,91KB (126.882 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Artesanías_indígenas_en_werregue,_Jardín_Botánico_La_Manigua_By_Pilar_Quintana.JPG>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 19

APOLO Y MARSIAS (PORCELANA DEL BUEN RETIRO, PRADO 0-298) 01.JPG. Largura: 450 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 29,19KB (29.892 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=Special%3ASearch&search=Apolo_y_Marsias_Porcelana_del_Buen_Retiro_Prado&button=>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 20

CARUARU-FIGURAS-DE-BARRO.JPG. Largura: 482 pixels. Altura: 599 pixels. Tamanho: 80,32KB (82.250 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caruaru-figuras-de-barro.jpg?uselang=pt-br>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 21

YAKAN.JPG. Largura: 240 pixels. Altura: 368 pixels. Tamanho: 12,24KB (12.532 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Yakan.jpg?uselang=pt-br>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 22

IMAGE0566.JPG. Largura: 800 pixels. Altura: 517 pixels. Tamanho: 51,77KB (53.017 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Image0566.JPG?uselang=pt-br>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 23

JACEKPALKIEWICZ3.JPG. Largura: 800 pixels. Altura: 538 pixels. Tamanho: 87,47KB (89.571 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:JacekPalkiewicz3.jpg?uselang=pt-br>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 24

PUNKJACKET.JPG. Largura: 249 pixels. Altura: 449 pixels. Tamanho: 21,33KB (21.839 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Punkjacket.jpg>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 25

KAYAN WOMAN WITH NECK RINGS.JPG. Largura: 400 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 67,14KB (68.747 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kayan_woman_with_neck_rings.jpg?uselang=pt-br>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 26

CHINE MIAO À CORNE 601.JPG. Largura: 400 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 67,14KB (68.747 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chine_Miao_à_corne_601.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 27

JAPANESE SURFER HAIR.JPG. Largura: 399 pixels. Altura: 599 pixels. Tamanho: 66,37KB (67.959 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Japanese_surfer_hair.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 28

CONSUL ET LICTORES.JPG. Largura: 400 pixels. Altura: 380 pixels. Tamanho: 57,35KB (58.726 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Consul_et_lictores.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 29

RAJASTHANI CLOTHES.JPG. Largura: 800 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 204,22KB (209.126 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rajasthani_clothes.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 30

APOLO Y MARSIAS (PORCELANA DEL BUEN RETIRO, PRADO O-298) 01.JPG. Largura: 450 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 29,19KB (29.892 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=Special%3ASearch&search=Apolo_y_Marsias_Porcelana_del_Buen_Retiro_Prado&button=>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 31

CARUARU-FIGURAS-DE-BARRO.JPG. Largura: 482 pixels. Altura: 599 pixels. Tamanho: 80,32KB (82.250 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caruaru-figuras-de-barro.jpg?uselang=pt-br>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 32

YAKAN.JPG. Largura: 240 pixels. Altura: 368 pixels. Tamanho: 12,24KB (12.532 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Yakan.jpg?uselang=pt-br>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 33

IMAGE0566.JPG. Largura: 800 pixels. Altura: 517 pixels. Tamanho: 51,77KB (53.017 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Image0566.JPG?uselang=pt-br>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 34

JACEKPALKIEWICZ3.JPG. Largura: 800 pixels. Altura: 538 pixels. Tamanho: 87,47KB (89.571 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:JacekPalkiewicz3.jpg?uselang=pt-br>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 35

PUNKJACKET.JPG. Largura: 249 pixels. Altura: 449 pixels. Tamanho: 21,33KB (21.839 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Punkjacket.jpg>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 36

KAYAN WOMAN WITH NECK RINGS.JPG. Largura: 400 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 67,14KB (68.747 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kayan_woman_with_neck_rings.jpg?uselang=pt-br>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 37

CHINE MIAO À CORNE 601.JPG. Largura: 400 pixels. Altura: 600 pixels. Tamanho: 67,14KB (68.747 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chine_Miao_à_corne_601.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Figura 38

JAPANESE SURFER HAIR.JPG. Largura: 399 pixels. Altura: 599 pixels. Tamanho: 66,37KB (67.959 bytes). Formato: JPEG. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Japanese_surfer_hair.jpg>. Acesso em: 27 abr. 2011.

REFERÊNCIAS

Audiovisuais

HOMEM PRÉ-HISTÓRICO: Vivendo entre as Feras. Direção: Pierre De Lespinois. Produção: Discovery Channel. Estados Unidos: 2002. (100 min.) 1 DVD.

Textuais

ALVES, P. *et alii*. Neoliberalismo e a desterritorialização dos espaços. *E-revista.unioeste.br*. v. 9, n. 1. 2005, p.2. Disponível em: <http://www.e-revista.unioeste.br/index.php>.

ANDRADE, A.; BOSI, M.L.M. *Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino*. Rev. Nutr. Campinas, jan./mar., 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v16n1/a11v16n1.pdf>>, acesso em: 05 de novembro de 2010)

ARAGUAIA, M. Evolução. In: BRASIL ESCOLA. *Biologia Evolutiva*. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/biologia/evolucao.htm>>. Acesso em: 12 out. 2010.

BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. de. O jogo existencial e a ritualização da morte. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, fev. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2010.

BERGER, P.; BERGER, B. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, M.; MARTINS, J. S. (Org.). *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

BERGER, R. *et alii*. *Ciência e tradição: perspectivas transdisciplinares para o século XXI*. Disponível em: <www.manamani.org.br/cienciaetradicao.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2011.

BRANDÃO, C. R. O processo geral do saber (a educação popular como saber da comunidade). In: _____. *Educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BURITY, J. A. Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo. In: FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. *Fundação Joaquim Nabuco*. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/textos%20online/ciencia%20politica/jburity02.pdf>>

CANEN, A. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. *Educação & Sociedade*. Ano XXII, n. 77, dez. 2001.

CANTARINO, C. Natureza, cultura e comportamento humano. In: LABJOR. *Comciência*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/200407/reportagens/07.shtml>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

CANTO, O.; ALMEIDA, J. Meio ambiente: determinismos, metamorfoses e relação sociedade-natureza. *Revista de Estudos Paraenses*, v. 3, p. 91-102, 2008. Disponível em: <www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/746.pdf>. Acesso em: 12 out. 2010.

CARNEIRO, P. N. Uma antropologia da cultura I: a antropologia. 2009. In: WEBARTIGOS. *Webartigos.com*. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/13428/1/Uma-Antropologia-da-Cultura-I-A-Antropologia/pagina1.html#ixzz1Jo18d654>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CONCEITOS BÁSICOS DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA, ferramentas para pensar. Disponível em: <mit.universia.com.br/21/21A218J/PDF/basicconcepts.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2011.

DaMATTA, R. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DIAS, K. M.; BORDA, G. Z. *A diversidade cultural na comunicação visual – o caso Embratur*. Monografia (especialista em gestão de negócios em turismo), Universidade de Brasília, 2005. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/631/1/2005_KatiaMacedoDias.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2010.

DINIZ, R. A. F. da C. Uma reflexão sobre a ética, multiculturalismo e educação. In: NET SABER. *Net Saber*. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_10165/artigo_sobre_uma_reflexao_sobre_a_etica,_multiculturalismo_e_educacao>. Acesso em: 19 abr. 2011.

FAILDE, I. *Manual do facilitador para dinâmicas de grupo*. São Paulo: Papirus, 2007.

FERRETTI, S. Multiculturalismo e sincretismo. In: UFMA – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS. *Repositório de publicações da Universidade Federal do Maranhão*. São Luís: 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/handle/1/183>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

FLEURY, M. T. L. Gerenciando a diversidade cultural: experiências de empresas brasileiras, *RAE – Revista de Administração de Empresas*, jul./set. 2000, v. 40. n. 3.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. *Sociologia*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. Disponível em: <<http://cadernosociologia.blogspot.com/2009/01/valores-e-normas.html>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

GOMES, M. P. *Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura*. São Paulo: Contexto, 2009.

GUERRIERO, S. As origens do antropos. In: GUERRIERO, S. *Antropos e psique: o outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

____. *Antropos e psique: o outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

GUIA, L. Do Paleolítico ao Neolítico. In: NOTA POSITIVA. *Nota positiva*. Disponível em: <http://www.notapositiva.com/trab_professores/textos_apoio/historia/dopaleoaoneol.htm>. Acesso em: 19 abr. 2011.

GUSMÃO, N. M. M. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. In: *Cadernos de Pesquisa*, nº 107, jul. 1999, p. 41-78. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a02.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2010.

HANASHIRO, D. M. M.; CARVALHO, S. G. Diversidade cultural: panorama atual e reflexões para a realidade brasileira. *REA*, ed. 47, V. 11, Nº 5, set./out. 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/read/article/viewFile/15190/8959>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEITÃO, D. K. *A arte de sensibilizar o olhar – ou por que ensinar antropologia?* In: <<http://www.geocities.com/deborakrischkeleitao/artigo.html>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MARCONDES, A. Teoria é a plataforma básica para os estudos biológicos. In: UOL. *Portal UOL Educação*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biologia/ult1698u40.jhtm>>. Acesso em: 12 out. 2010.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Savage Girls and Wild Boys. A History of Feral Children*. DELTA, 2003, vol.19, no.1, p.201-210.

MEDEIROS, A. P. *Padrões gráficos para aplicação em revestimentos cerâmicos baseados na cultura do litoral sul de Santa Catarina*. 1997. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestre em Engenharia. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/disserta98/albertina/>>. Acesso em: 22 out. 2010.

MITCHEL, R. Maori chief on facial tattoos and tribal pride. *National Geographic*, oct. 2003. Disponível em: <http://news.nationalgeographic.com/news/2003/10/1014_031014_georgenuku.html>. Acesso em: 20 abr. 2011.

NORONHA, F. D. A.; NUNES PINTO, R. Capoeira nas aulas de educação física: uma proposta de intervenção. *Pensar a Prática*, Cuiabá: V. 7, n. 2, p. 65, 2004.

ORTIZ, R. Anotações sobre o universal e a diversidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

____. Sobre o relativismo cultural. *Revista Alambre*, n. 2, mar. de 2009. Disponível em: <<http://www.revistaalambre.com/Articulos/Articuloprint.asp?ld=33>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

PASSADOR, L. H. A noção de regra: princípio da cultura, possibilidade de humanidade. In: GUERRIERO, S. *Antropos e psique: o outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

____. O campo da antropologia. In: GUERRIERO, S. (Org.). *Antropos e psique: o outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

PAZZA, R. Seleção natural. *Projeto Evoluindo – Biociência.org*. (2005) Disponível em: <<http://www.evoluindo.biociencia.org>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

QUEIROZ, D. T. *et alii*. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro; v. 15, n. 2, abr./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

REIS, L. V. S. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

RIBEIRO, A. R. Clifford Geertz. In: MUSEU NACIONAL. *PPGAS 2004*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2004. Disponível em: <<http://ppgas2004.br.tripod.com/geertz.html>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

RIBEIRO, F. Humanos criados como animais: coração selvagem. *Aventuras da história*. São Paulo: Abril Cultural, n.91, fev. 2011. Disponível em: <<http://historia.abril.com.br/comportamento/humanos-criados-como-animais-coracao-selvagem-434572.shtml>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

RIBEIRO, F. J. L.; BUSSAB, V. L. R. Biologicamente cultural. In: SOUZA, L.; FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. (Org.). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 177-203. Disponível em: <<http://pet.vet.br/puc/vera%20bussab.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

ROCHA, E. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SABOYA, M. C. L. O enigma de Kaspar Hauser (1812?-1833): uma abordagem psicossocial. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pId=S0103-65642001000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 abr. 2011.

SAMPAIO-RALHA, J. L. F. Comunidades virtuais: definições, origens e aplicações. In: UNICAMP. *Educação a Distância*. Campinas: 2006. Disponível em: <www.rau-tu.unicamp.br/nou-rau/ead/document/?down=79>. Acesso em: 19 abr. 2011.

SANTOS, B. de S. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. *Lua Nova*, n. 39, 1997. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura_dh.htm>. Acesso em: 19 abr. 2011.

SANTOS, R. J. Tão diferentes, tão tribais: somos todos tão iguais. In: *Antropologia para quem não vai ser antropólogo*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SANTOS, J. L. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHELLES, S. A importância da linguagem não verbal nas relações de liderança nas organizações. *Revista Esfera*, nº1 jan./jun. 2008.

SCHILLING, V. Antropologia, ciência recente. In: TERRA. *Cultura e pensamento*. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2002/06/07/001.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

SILVA, V. G. da. Antropologia. In: USP – FFLCH. *Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas*. Disponível em: <www.fflch.usp.br/da/vagner/antropo.html>. Acesso em: 19 abr. 2011.

SILVA, W. C. C. *et alii*. Identidade cultural: sustentabilidade em comunidades tradicionais. In: X JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – JEPEX 2010 – UFRPE: Recife, 2010. Recife. *Anais...* Disponível em: <<http://www.sigeventos.com.br/jepex/inscricao/resumos/0001/R0601-2.PDF>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

SOARES FILHO, N. DNA do Homem de Lagoa Santa já foi extraído dos ossos. LAGOA SANTA. *Lagoa Santa na internet*. Disponível em: <<http://www.lagoasanta.com.br/homem/index.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

SOUSA, F. S. *Antropologia simbólica, comunicação e educação*. 2008. Disponível em: <<http://www.sebantropologiacom.blogspot.com/2008/09/antropologia-simbolica-comunicacao-e.html>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

TEICH, D. H. A primeira brasileira. *Veja*, 1999. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/250899/p_080.html>. Acesso em: 19 abr. 2011.

TESSAROTTO, T. de O. Novos horizontes antropológicos: indivíduo, cultura e globalização. *CAOS*, Revista Eletrônica de Ciências Sociais, nº 07, setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/thaisoliveira.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

TOSTA C. G. Breve ensaio sobre civilização e cultura. *Revista Museu*. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=27609>. Acesso em: 19 abr. 2011.

TURQUIA MANTÉM TRADIÇÃO DE TRATAR psoríase com "peixe médico".
G1. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1261527-5603,00-TURQUIA+MANTEM+TRADICAO+DE+TRATAR+PSORIASSE+COM+PEIXE+MEDICO.html>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

UNESCO. *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 03 de nov. 2010.

VITÓRIA, P. Evolução humana. 18 slides. 2008. In: SCRIBD INC. *Scribd*. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/6454529/Evolucao-Humana>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

WIKIPEDIA. *Alteridade*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alteridade>>, acesso em: 02 de nov. 2010.

____. *Criança selvagem*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Criança_selvagem>. Acesso em: 19 abr. 2011.

____. *Esquimós*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquimós>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

____. *Evolução humana*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Evolução_humana>. Acesso em: 19 abr. 2011.

____. *Lapônia*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lapônia\(povo_Sami\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lapônia(povo_Sami))>. Acesso em: 19 abr. 2011.

SAKINEH ASHTIANI SERÁ... *Folha.com*. São Paulo: 02 nov. 2010. Caderno Mundo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/824273-sakineh-ashtiani-sera-executada-na-quarta-feira-no-ira-diz-ong.shtml>>. Acesso em: 05 nov. 2010.

Sites

CIENCIAH. *Ciência Hoje*. Disponível em: <<http://www.cienciahoje.pt/58>>. Acesso em: 30 abr. 2011.

EXERCÍCIOS

Unidade I – Questão 1: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2004*. Disponível em: <http://www.curso-objetivo.br/vestibular/resolucao_comentada/enem/2004/ENEM2004_prova.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2011.

Unidade I – Questão 2: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2004*. Disponível em: <http://www.curso-objetivo.br/vestibular/resolucao_comentada/enem/2004/ENEM2004_prova.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2011.



A series of horizontal lines for writing, consisting of 25 evenly spaced lines across the page.



A series of horizontal lines for writing, consisting of 28 evenly spaced lines that span the width of the page.



A series of horizontal lines for writing, consisting of 25 evenly spaced lines across the page.



Interativa

Informações:
www.sepi.unip.br ou 0800 010 9000